



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
EM CIÊNCIAS E MATEMÁTICAS

CARLOS AUGUSTO SILVA E SILVA

ART(E)BIOLOGIA NA/COM A NATUREZA

BELÉM-PA

2018

CARLOS AUGUSTO SILVA E SILVA

ART(E)BIOLOGIA NA/COM A NATUREZA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas da Universidade Federal do Pará, Instituto de Educação Matemática e Científica, como requisito obrigatório da Atividade de Defesa de Tese, para fins de obtenção do grau de Mestre em Educação em Ciências e Matemáticas.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria dos Remédios de Brito.

Área de Concentração: Educação em Ciências.

BELÉM-PA

2018

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

S586a

Silva e Silva, Carlos Augusto.

Art(e)biologia na/com a natureza / Carlos Augusto Silva e Silva. — 2018.
127 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Maria dos Remédios de Brito

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas, Instituto de Educação Matemática e Científica, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

1. Ciências. 2. Art(e)biologia . 3. Educação . 4. Filosofia da Diferença . I. Título.

CDD 507

CARLOS AUGUSTO SILVA E SILVA

ART(E)BIOLOGIA NA/COM A NATUREZA

Aprovado em 16 de maio de 2018.

Banca examinadora

Profa. Dra. Maria dos Remédios de Brito
Orientadora

Profa. Dra. Alik Wunder
Membro externo- UNICAMP

Profa. Dra. Wladilene de Sousa Lima
Membro externo – PPGARTES/UFPA

Prof. Dr. Carlos Aldemir Farias da Silva
Membro interno – IEMCI



Nem toda borboleta é uma alegre bailarina... As borboletas não precisam beijar as flores, muito menos, cobrir-se de cores. E na brevidade da vida, voa efêmera; sem eternos amores.

Ficar sem **ar**

Ficar sem **arte**

Ficar ser **art te** sufoca.

(Mariana Ruggiero)

Arte, o oxigênio que nutre corpos. Cessando essa fonte ao corpo, este não mais aguentaria, poucos minutos seria o suficiente para jogá-lo no mar das representações.

Poucos suspiros, um último fôlego. Esta é a respiração de muitos corpos que estão sendo asfixiados para seguir regras, ou mesmo por não segui-las. Quem privaria o corpo a tal manancial vital?

AGRADECIMENTOS ATRAVERSADOS

F
A
M
I
L
I
A

T
R
A
N
S
I
T
A
R

C
A
P
E
S

F
E
S
U
N
I
C
I
M
O
I
D
E
M
P

M
A
L
I
K
W
L
A
D
I

S
O
G
I
M
C
K
W
L
A
D
I
C
E
R
L
O
S

Agradeço,

À **CAPES** pelo fomento através de uma bolsa de Mestrado Acadêmico.

À **UFPA** pelos espaços e encontros; **PPGECM/IEMCI** – dos docentes que ministraram as disciplinas cursadas: Bases Epistemológicas (Maria dos Remédios de Brito e Helene Súzia Silva dos Santos); Tendências na Educação em Ciências (Eduardo Vieira e Andreia Garibaldi); Currículo e Ciência (Sílvia Chaves), pelo convívio e pelas conversações.

Aos encontros na **FE/UNICAMP** e Barão Geraldo (muitos), em especial ao grupo Olho/Humor aquoso da Faculdade de Educação, que corroboraram nas disciplinas, eventos, conexões... gratidão.

À Maria dos Remédios de Brito. Um encontro alegre e potente que tive no PPGECM, principalmente pela autonomia e liberdade necessárias para o desenvolvimento dessa pesquisa e de outras; por sacudir minha vida, e pelo “podes contar comigo”, meu muito obrigado.

Aos membros da Banca Examinadora, professora Alik Wunder, professor Carlos Farias, professora Wladi Lima e suplentes, professor Antônio Carlos Amorim e professora Ariadne Contente, pelos pensamentos geridos a partir da leitura, contribuições tecidas e pelos poemas (não) ditos, que desassossegam o pensamento, a vida.

Aos colegas do Grupo **Transitar**, sobretudo Dhemersson Costa e Edilena Correa, pelos encontros partilhados a partir de livros, artigos, dissertações e teses, amigos que levarei comigo.

Aos **amigos** que mesmo na distância se fizeram presente. Especialmente Raquel Pereira, que apostou em mim e esteve comigo durante todo o processo de finalização; Graça Moura, por suas mãos e mensagens; Dhemersson Costa, Dennys Lenon e David Oioko por ajudarem diretamente ou indiretamente na produção das imagens. Existem aqueles encontros que não precisam estar perto fisicamente para movimentar, nutrir, invadir... são existências que cruzam vidas... Helene Santos, gratidão por ser esse mar-manto, que na medida que (me) movimenta, (me) acalma.

À minha **família** (Francisca Fortunato, Carlos Alberto, Anayara Silva, Arisson Silva e Sara Pereira) pelo paciência-tensão-atenção... que mesmo sem poder ou saber ajudar diretamente, contribuíram para “as invenções desse menino”. Sem todo esse apoio e suporte, obviamente, não chegaria até aqui, e nem próximo disso. Especialmente aos meus pais; **pelas horas de convívio que lhes foram retiradas em virtude dessa produção imagética-textual, dedico-vos**. Em homenagem à vocês e, principalmente, à nossa (pequenina passarinha) Sara; apresento um poema feito por ela, em seus poucos anos de vida, que por tanto tempo esteve escrito num papel de caderno amassado sem ninguém perceber, sem ninguém ler ou ouvir as palavras da própria escritora, até que um dia, voou...

Voa passarinho, voa

Voa passarinho

Lá no céu quero te ver

Não importa aonde for

Na terra ou no ar eu vou te encontrar

Voa passarinho, o seu canto é tão perfeito

A sua cor brilha igual a luz do sol que ilumina meu dia

Voa passarinho lá no céu quero te ver

Não importa sua cor: vermelho, laranja, até azul você brilha

Passarinho eu já vou amanhã

Quero voltar

Com saudades vou ficar toda noite sem parar

(Sara Pereira)



...e que voe mais, pelos caminhos que desejares.

Sumário

Um biólogo e seus encontros.....	11
Cartas desprezíveis	33
A DANÇA (NÃO) É.....	41
Um biólogo que dança.....	47
A NATUREZA (NÃO) É.....	64
Entre Cavernas, Cachoeiras e <i>Art(e)biologias</i>	72
O IGARAPÉ ALTA-MIRA, E.....	90
O igarapé Alta-mira.....	108
Mãos que compuseram	120

RESUMO

A dissertação provoca um entre *arte(e)biologia* na tentativa de atritar a ciência como um modo de conhecimento fincado em suas normas específicas. Para a produção da pesquisa se ousou de ligações por entre imagens, escritas e experimentações do corpo. Percurso que instiga um biólogo, que atravessa sua(s) vida(s) e se envereda por entre cachoeiras, igarapés, cavernas e moradores atingidos por uma hidrelétrica que des-fez vidas e ambientes. O atrito do texto rizoma é a *natureza*. O plano de composição vem em linhas de experimentações abertas às infinitas entradas, saídas e meios, as quais foram realizadas na região do Xingu, na e próximas à cidade de Altamira-PA. O esforço teórico perpassou por inspirações da filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari, bem como alguns outros que agenciaram esse encontro, como artistas e biólogos da educação e do ensino de ciências que vagueiam/pensam por entre essas conexões. Uma dissertação em que seu corpo construtivo advém por experimentações, num processo em que o exercício do não linear é um convite à abertura do pensamento e das sensações. O possível atrito/dissertação busca permear velocidades, lentidões e repousos. Seus resultados podem ser compostos para quem deseja as in-utilidades, pois o texto não quer ser interpretado, mas maquinado. Maquinem de n maneiras, se desejarem.

Palavras-chave: Ciências – Educação - Art(e)biologia – Filosofia da Diferença

ABSTRACT

The dissertation causes a between art(and)biology in an attempt to cause friction in science as a way of knowledge based on their specific standards. For the research production was exposed links between images, writing and body trials. Route that instigates a biologist, that runs through your life and guide yourself through waterfalls, creeks, caves and residents affected by a hydroelectric plant that shattered lives and environments. The friction of the Rhizome text is *nature*. The composition plan comes with lines of experimentations that are open to infinite inputs, outputs and means, which were carried out in the Xingu region, in and near the city of Altamira-PA. The theoretical effort was inspired by the philosophy of Gilles Deleuze and Félix Guattari, as well as a few others who organized this meeting as artists and biologists of education and science teaching who wander / think through these connections. A dissertation in which its constructive body comes through experimentation, in a process in which the exercise of the nonlinear is an invitation to the opening of thought and sensations. The possible friction/dissertation seeks to permeate velocities, slowness and rests. Its results can be composed for those who want the utilities/uselessness, because the text does not want to be interpreted, but machined. Idealize in ways, as you wish.

Keywords: Science - Education - Art(and)biology - Philosophy of Difference

Um biólogo e seus encontros

Gilles Deleuze no livro *Conversações* faz pensar: não estamos no mundo, transformamo-nos com ele. Transformações, mu-danças. Sim, dancei... E a pesquisa junto comigo. Dancei por entre educação em ciências, formação de professores, representações sociais, hidrelétricas, sexualidades, corpos, sem saber aonde iria parar e se iria parar.

Tudo começou (se é que um dia teve início) como a canção de ¹Elis Regina, “dois pra lá, e dois pra cá”. Pensava que um ensaio seria a melhor saída para um grande espetáculo: sem erros, acasos e percalços. Repentinamente, vi-me num som diferente, nem sabia se dançava com alguma música, minha cabeça rodava e, com ela, uma nova canção. Sem entender tal melodia resolvi apenas dançar. Sozinho? Não mais. Vi-me rodeado de corpos-forças² que me deixavam ainda mais embriagado naquela dança. Bailados que corroboraram em coreografias inquietantes, até hoje me pergunto: havia/há uma coreografia? Talvez o “dois pra lá, e dois pra cá” se fizera presente no bailado, entretanto, o que sei afirmar é: meu corpo não reconhece mais apenas o “dois pra lá, e dois pra cá”. Já não era mais eu, eles ou nós, apenas: uma dança.

Não teria como fabular³ sobre *art(e)biologia* sem falar e pensar nela, a dança! Cavoucar sobre a dança é conectar-me com sentimentos intensos, pois, foi com ela que anos de minha vida se re-fizeram. A dança, nas madrugadas principalmente, me trouxe palavras que se des-conectaram tentando pensar esse ensaio-dissertação. Movimentos fluíram do meu corpo e apareceram aqui...

Inventar um mundo, vários mundos, inclusive a mim mesmo, corpo-força em constante translação e rotação. Construir um espaço que seja possível criar: arte, dança, biologia e ciência... para que os quero? Para proliferar invenções no mundo, e, abrir-se na sua multiplicidade que não indica um “ser” para ele, é fazer um, e nesta criação,

¹ Música: Dois pra lá, dois pra cá; intérprete: Elis Regina; Composição: Aldir Blanc/João Bosco.

² O corpo é pensado aqui como um “lugar de afectos e perceptos que fazem parte dos devires, tornando-se um rizoma intensivo de sensações, que não se detém às zonas de produção reprodutivas, mas, principalmente, em “um vir a ser”, um corpo aberto para possibilidades” (SILVA; BRITO, 2016, p. 26), e que se recusa a qualquer tipo de imposição, tornando-se um corpo rebelde.

³ Deleuze empresta a ideia bergsoniana de fabulação e estreita arte e política, para que assim, possam ser inventadas linhas de fuga, modos outros de existências e de experimentações vitais (No caso deste estudo, experimentações *art(e)biologia* com a natureza). Na fabulação sucumbem-se as verdades universais, e não se tem um início e um fim, ou seja, a linearidade é rompida, instaurando devires, entretanto não se trata de uma solução, porém, de conectar-se às outras potências e forças de criação.

nunca se tem um sétimo dia onde o mundo está finalizado e adjetivado como “muito bom”. É não se contentar com mundos prontos, com as estações estabelecidas. É saber que a cada dia criam-se mil possibilidades.

Comumente esse (sub)título deveria ser denominado como introdução (o ato ou efeito de iniciar algo) em que poderia lançar as ideias fundamentais da pesquisa. Se fosse pensado a partir de uma corrida, seria o ponto zero, onde a inercia se desmancharia e, por conseguinte, indicaria um movimento retilíneo perpassando por outros caminhos de uma pesquisa já delimitada e organizada. Contudo não quero determinar um início para este ensaio-dissertação que proponho, o qual gostaria de denominar, também, como criação, por isso, uma criação não tem um início, não se sabe quais forças, encontros tornaram um ensaio-criação capaz de se deslocar, então, se tiver que introduzir não sei por onde começar.

*Já é o início
Quando me dei por conta, já havia iniciado
Em que momento se iniciou?
Quem sabe?
Já havia iniciado e não sabia*

Logo, não esper(e/o) deste ensaio-dissertação um início, meio e fim, a aplicação de método como abordagem, uma atividade analítica descritiva e interpretativa. Não esper(e/o), apenas experimente(e/o)⁴, cada, palavra, cada força, cada imagem. Um convite ao aberto...

Como bem nos diz Deleuze no seu livro *Diferença e Repetição*: “Não há um método para encontrar tesouros”⁵, portanto não busquei por um único trajeto, ou um único método, me perdi neste ensaio-dissertação e, talvez, encontrei alguns tesouros, novas maneiras de se entregar com/nos mundos ao redor de nós.

⁴ Experimentação está relacionada ao caos, “e seu traçado recorre a meios poucos confessáveis, poucos racionais e razoáveis. São meios de ordem do sonho, dos processos patológicos, das experiências esotéricas, da embriaguez ou do excesso (DELEUZE; GUATTARI, 2013 p. 52).

⁵ “Nunca se sabe de antemão como alguém vai aprender – que amores tornam alguém bom em latim, por meio de que encontros se é filósofo, em que dicionários se aprende a pensar. Os limites das faculdades se encaixam uns nos outros sob a forma partida daquilo que traz e transmite a diferença. Não há método para encontrar tesouros nem para aprender, mas um violento adestramento, uma cultura ou ideia que percorre inteiramente todo o indivíduo (um albino em que nasce o ato de sentir na sensibilidade, um afásico em que nasce a fala na linguagem, um acéfalo em que nasce pensar no pensamento)”. (DELEUZE, 2006, p. 237).

Mundos, forças, atravessadas por intensidades compõem esse estudo-criação arbitrário, matizado por uma multiplicidade de encontros, que nutrem e também são nutridos por forças, linhas e mapas presentes na travessia entre ciência, filosofia e artes. Encontros... riscos... modificando o corpo através desta potência que dispara combinando-se através de invenções embaraçadas ao corpo. O plano de composição? Esse plano seria o que chamo de aberto, o que se move em, e de nenhuma parte sem nada, exposto, em relação à abertura para o desejo com a composição de elementos da natureza com/entre processos criativos... Aberto ao redor... Uma imagem povoada pelo biólogo cartógrafo que deseja pensar a ciência por entre artes, entendendo-a como experimentação vital, corpo afeto, corpo encontro, corpo que entra e se faz outro com a natureza.

Foram mil encontros⁶ criando zonas de experimentações heterogêneas, que se potencializaram, mobilizaram, abalaram e arrastaram cada um de forma singular, dependendo do encontro e das forças produzidas. Corpos que foram arrastados ao chão, e nessa violência a desfiguração a partir de um signo foi inevitável, pois todo encontro é um encontro com um signo, “há sempre a violência de um signo que nos força a buscar, que nos rouba a paz” (DELEUZE, 2003, p.14-15).

Zarpar, sair, movimentar-se... penetrar o horizonte com *imagens* que se deslocam e nos deslocam, como um pensamento-trepadeira que está em busca de outros lugares e de encontros com suportes, agarrando-os, enrolando-os, apoiando-os, crescendo de uma forma que não conseguimos enxergar de onde surgiu, apenas que ele cresce, adentrando, ou até mesmo rompendo. Onde não há fissura ela abre, onde há muros ela contorna e aos poucos se move transformando o ambiente, fazendo dele outra coisa. Tudo isso com a simples força de junções de seus múltiplos ramos.

Por uma Art(e)biologia alegre que possibilite risos na educação

Alucinações, incongruências, desbalanços, risos... Uma flor que brota em meio à balbúrdia científica. Flores inseridas num conjunto de singularidades e que nascem a partir de acontecimentos! Cores, aromas... seria tudo isso científico? Poderia estar cultivando a partir do substrato metódico-científico-positivista? In-ventar substratos

⁶ O encontro é sempre algo que violenta o pensamento a partir de uma força que abala as verdades, sendo uma “relação absolutamente exterior na qual o pensamento entra em conexão com aquilo que não depende dele” (ZOURABICHIVILI, 2016). Então um encontro sempre se dá na relação com outro encontro, com o fora, tornando-se algo inexplicável e na ordem do acaso.

para o plantio de rizomas, os quais acontecem pelos meios, pelos entres, onde a multiplicidade rega as sementes, sendo estas, talvez, a-disciplinares, em que abunda a re-existência para novas configurações inventivas e risonhas.

Encantação pelo riso

Ride, ridentes!
 Derride, derridentes!
 Risonhai aos risos, rimeterisandai!
 Derridesorimente!
 Risos soborrisos – riadas de sorrideosrisores!
 Hílare esrir, risos de soberridoresriseiros!
 Sorrisonhos, risonhos,
 Sorride, ridiculai, risando, risantes,
 Hilariando, riando,
 Ride, ridentes!
 Derride, dirridentes!
 (Velemir Khlébniko)

Velemir Khlébniko en-canta-nos pelo e para o riso permitindo discutir a possibilidade de uma biologia alegre. Uma biologia que não existe, apenas acontece. Uma educação científica a qual é muito mais do que o medo que ao disciplinar, paralisa. Afinal, a biologia produz risos? Quais risos? Medos? Quais medos? Coisas? Quais coisas?

A biologia nunca deixou de produzir seus risos. São nos devires moleculares que essa alegria aparece e se re-inventa. O riso, aqui, nada tem a ver com o bom humor, muito menos com um gesto facial expressado a partir dos lábios. Não é a transmissão de algo que somos. Não é pensar a alegria como o oposto da tristeza, pois quanto maior a tristeza, maior a alegria que repousa nela. São sorrisos intercalados com choros que produzem sons, que denotam ruídos imbuídos em acontecimentos e multiplicidades, habitando toda uma atmosfera de forças e intensidades.

Pensando com Espinoza, os bons-encontros ressoam em sorrisos, que aumentam a potência do corpo através de afectos alegres. É quando se está sozinho, num prédio velho, sujo e é lançado no pior dos quartos, sendo atravessado por afectos tristes, que diminuem sua potência de viver, de afetar e ser afetado. Repentinamente escuta-se um pequeno barulho seco na madeira da porta, um novo encontro brota contingente e alegre, logo tudo é transmutado; o cheiro muda, o ar some, as cores nascem e tudo se torna outro, diferente, sorridente.

Diante disso, a pergunta inspirada em Espinoza é, então, como desviar-se da tristeza, e, nela, produzir paixões e ações alegres? Trata-se de agitações interrogativas

de difícil resposta, principalmente quando a sociedade está constituída de cidades cinzas e tristes, as quais reverberam biologies rígidas que objetivam a produção de cópias, bem como a generalização das coisas e supressão do que difere. Entretanto, não é só disso que a cidade e a biologia são compostas, elas também produzem seus bons encontros que nos possibilitam respirar, mesmo que em poucos minutos, o oxigênio vital do sorriso alegre. Por isso, que encontros podem produzir a biologia? Ou melhor, quais sorrisos um encontro produz na biologia?

Uma biologia sorridente pode valer muito mais do que toda cientificidade das ciências modernas. Não custa dinheiro e pode criar mundos possíveis. Um sorriso dura um segundo e também uma eternidade. Um sorriso pode significar tudo e ao mesmo tempo nada. Fazer a biologia sorrir, transformar, mudar.

Risos que não delineiem a biologia, ou que sejam conduzidos por suas expensas, mas que sejam partilhados pelos pequenos movimentos que fazem existir outras existências. Diante disso compartilho com Isabelle Stengers sobre a potência do riso.

Interessa-me, sobretudo, a qualidade do riso. Não quero um riso de troça ou um riso que seja de desprezo, da ironia que identifica sempre e sem risco o mesmo para além das diferenças. Eu gostaria de tornar possível o riso de **humor** que compreende, aprecia sem esperar a **salvação** e pode recusar sem se deixar **aterrorizar**. (STENGER, 2002, p.29, grifos nossos)

As ideias salvacionistas e aterrorizantes as quais Stengers problematiza sobre a ciência são utilizadas e pensadas como artefatos de conduta para uma possível salvação da sociedade. São discursos sobre a ciência (ou biologia) que fabricam coisas e promovem práticas. É uma ideia messiânica do cientista, o qual se cinge e é cingido pela grande responsabilidade de salvar os corpos não cientistas e, conseqüentemente, o mundo em que interagem. Muitas vezes esses discursos científicos são pensados de maneira aterrorizante, em que a ciência deve ser tratada como uma pedagogia disciplinar, um espaço que aprisiona e através do controle de corpos se torna forte o suficiente para moldar, através do medo e do castigo, as reações no mundo.

Não basta “denunciar” essa perspectiva científica da biologia; não basta trancafiá-la e soltar outra “melhor”; não basta assassiná-la. Quem sabe, talvez, fender os sentimentos de impotência, medo e tristeza que ameaçam a capacidade de existir, resistindo ao que aprisiona e faz chorar. Entretanto, não é o riso alegre o fator chave que fará da biologia um artefato centralizador de mudanças extraordinárias de algo ruim, para algo bom, aliás, não é isso que quero; os risos perturbadores não são e nunca serão suficientes, mas promovem levezas, pois sem os sorrisos conferem-se destinos

predeterminados, nada inventivos. Sem os sorrisos os jogos de poderes podem definir os futuros, as condutas e tudo aquilo que aprisiona as alegrias vindouras de uma biologia qualquer.

A luta política que aqui produzo na escrita, na produção de imagens e no pensamento não perpassa pela ideia de uma biologia oficial e sim pela criação de *art(e)biologia* no mundo, que façam experiências de/com uns, de/com outros, de/com coisas, mesmo reconhecendo a importância das narratividades racionais da biologia. Busco escutar e produzir risos na biologia, que soam como cantos entoados numa estação que não é nem outono, inverno, primavera ou verão. É um riso que afugenta melodias brotadas das trevas e das luminescências de uma biologia que, conforme foi dito, simplesmente acontece, é contingente.

A *art(e)biologia* produz alegrias, signos e encontros, que se deslocam por meio de rastros esquecidos, porém, fortes suficientes para arrebentar paisagens arquitetônicas que apresentam atmosferas rígidas e legitimam sistemas homogêneos que sufocam.

Pensando a modo Deleuze e Guattari, a *art(e)biologia* é pensada a partir de tessituras menores⁷. São resíduos de um entre constituídos menos por trajetos fixantes e fixadores, do que por labirintos barrentos, que possibilitam se perder em meio às heterogeneidades que compõem o mundo. Deslocando o pensamento baseado nos autores citados é uma desterritorialização que desloca os trâmites científicos, agenciamentos que se dão imergidos em multiplicidades de vidas e cores e um ato político que de prática de governar não tem pouco, é mais relacionado às desobediências que fissuram as já mencionadas arquiteturas da ciência maior.

Por que pensar a ciência ou biologia de maneira fragmentada? Por que não pensar uma *art(e)biologia* do riso?

Artes ou biológicas? Artes e biológicas, e...

Faz-se repensar sobre a conjuntura “ou... ou... ou...” que impõe e nomeiam categorias, nas quais as artes ou biológicas se enquadram, estabelecendo-se o pensamento binário: artes ou biológicas, arte/emotiva; biologia/verdade; sombreando as metamorfoses e hibridismos.

⁷ Para saber mais sobre as problematizações do conceito menor ver *Por uma literatura menor*, e ciência menor, *Mil Platôs volume 5*, ambas obras de Deleuze e Guattari.

Neste mesmo sentido, Deleuze e Guattari maquinam diálogos referentes à terminação “é... é... é...” que produz um ser identitário definindo uma única e cristalizada essência. No entanto, esses mesmos pensadores subvertem tais maniqueísmos e identidades, oportunizando o “e... e... e...”⁸, em que afirmam: “há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p.48) que traz inimagináveis possibilidades de conexões transitando pelos meios, pois o devir está no entre, é o entre que “se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 48). Então, na *art(e)biologia* há potência para substituir o “É” pelo “E”, o “Ser” pelo “Devir”.

O que há no *intermezzo art(e)biologia*? Heterogeneidades? Forças? Acontecimentos? Como traçar itinerários entre blocos de sensações e functivos, alcançando o entre-as-coisas?

Ao pensar sobre artes e biológicas, *e...* esboçam-se questionamentos inspirados em Dias e Rodrigues: “estariam essas conjunções ressoando apenas pelas somas (arte + ciências), consensos (arte = ciência), exclusões (arte > ciência – arte < ciência)? E se... e...?” (2012, p.1).

Somas, consensos e exclusões de artes e biológicas, artistas e biólogos... O que se pode extrair desse atravessamento? Vazamentos? A junção das artes e biológicas carregam múltiplas forças, produzem variações infinitas que desestabilizam suas próprias essências. Ao fissurar os muros que delimitam as fronteiras, pode-se criar artefatos *artísticosbiológicos*, novos modos de ser, escrever, ouvir, pensar, ver e estar no mundo... Torna-se uma nova postura política... Multiplicidades, escritas, barulhos, acéfalos, visões... movimentativas... que não falam do novo, mas que fissuram-se ao novo.

Dessa maneira, os movimentos acontecem, empreendendo um processo de constantes re-criações e fabulações móveis. Portanto, a *art(e)biologia* inclina-se para uma possibilidade de incitar corpos que além de inventar, buscam aventurar-se fora das trilhas, sem fincar-se em uma identidade aglutinada.

Quem pode ser um biólogo? Quem pode ser artista? Na verdade, não preciso de mais um modelo, e nem pretendo propor um dentre os que existem: biólogo artista, biólogo pesquisador, artista pesquisador... Corpos que não se engendram na arte ou na

⁸ Para maior esclarecimento dos termos, possíveis substituições do Ser pelo Devir e do É pelo E (Mil Platôs v1 e v3; Diálogos; Cinema).

biologia, mas, buscam para si derrames experimentativos na criação de novas reconfigurações de mundos, de olhares, de viver, de ser (DELEUZE, 2007). Uma biologia para além do científico racional, uma arte para além da comunicação... proposições que se envergam para a divagação, para a resistência.

No entanto, constantemente esses biólogos/artistas que decidem pelo novo e o desvencilhamento, são tosquiados por uma censura, na qual os definem como *desviantes* e/ou *vagabundos* (e isso de fato aconteceu nesta pesquisa), como assim diz Deleuze e Guattari (2012, p. 24):

Você será significante e significado, intérprete e interpretado — senão será desviante. Você será sujeito e, como tal, fixado, sujeito de enunciação rebatido sobre um sujeito de enunciado — senão você será apenas um vagabundo.

É escrever com *art(e)biologia*... Acender atravessamentos ainda não existentes, utilizando-se da filosofia para compor esse arcabouço transdisciplinar. Um atravessamento inventivo que busca pela minoridade, resistindo à fragmentação que é imposta pela sociedade reguladora.

Esses atravessamentos e vazamentos nada têm a ver com a pedagogização da ciência/biologia através da arte que se torna fundamentação para pensar a biologia de maneira mais lúdica ou leve e, com isso, sempre estabelecendo a arte como algo inferior ao conhecimento científico. Ora, a arte cria perceptos e afectos, a ciência cria fuctivos, mas isso não deixa de colocar esses saberes em ligações preferenciais.

Portanto, cabe ressaltar que não pretendo combater o pensamento científico e coroar o afectos e perceptos artísticos, mas talvez pensar num *combate-entre*, pois segundo Deleuze (1997) “(...) o combate-entre é o processo pelo qual uma força se enriquece ao se apossar de outras forças somando-se a elas num novo conjunto, num devir” (p. 170). Nem arte e nem ciência, mas *art(e)biologia* que surge a partir da potencialidade do *entre*.

O entrelaçamento é necessariamente imprevisível. Portanto, cada um tem a possibilidade de se permitir experienciar encontros heterogêneos re-criativos com/por/através das palavras e imagens que estão por vir.

Negar e criticar a biologia que esmaga a diferença é fácil, difícil é compor com ela, a partir dela. Colocar fermento na massa criativa e vê-la crescer e não apenas amassar aquilo que já foi amassado diversas vezes: reinventar a biologia, reinventar a arte, reinventar as coisas.

Para onde a biologia e a arte estão sendo arrastadas? Para onde deseja arrastar as biológicas e as artes? Se tivermos a possibilidade de fissurar tais preceitos científicos, como fazer isso em meio à hegemônica verdade racional que insiste em dogmatizar? Não tenho a pretensão de responder tal pergunta, mas emergir junto com você (leitor), caso queiras, num bloco de sensações em que envolve muito mais do que arte e biologia, pois, *art(e)biologia* é apenas o incentivo para que, numa leitura experimental com o corpo, você possa criar novas possibilidades de pensar a biologia e a arte, evocando e sentindo ecos na natureza.

Imagens-mundos

As *imagens* podem ser pensadas como anamorfoses im-possíveis, no sentido das sensações e devires causados pelos perceptos e afectos⁹, não em um sentido representativo, porém, em movimentações que borram as formas categorizantes. Imagens que não encerram o pensamento pensado, assim, abrem-se para novas possibilidades, rompendo com o regime da representação¹⁰, regime este que lança mão da identidade em detrimento da diferença. Imagens associadas diretamente aos encontros e afectos, sendo que o segundo se dá pela contingência, através de múltiplos encontros não ordenados, “o afeto é a variação contínua da potência de agir de alguém.” (MACHADO, 2009, p. 69).

Com Rancière o contato, a troca, a alteridade se embarçam e compõem as imagens, não de maneira unívoca ou simples, entretanto, imagens que são as próprias performances, “não se remetem a nada além delas mesmas. Isso não quer dizer que elas sejam, como se falam comumente, intransitivas” (RANCIÈRE, 2012, p. 11). A intenção não foi interpretar ou explicar as imagens, mas, quem sabe, perceber acontecimentos irrepresentáveis.

⁹ Os dois nada têm a ver com percepção ou afeição, características que os limitariam a um sujeito/objeto e denotariam racionalização. Todavia, é sensação e devir, não no sentido de tornar-se a ser algo, mas pura captura, pois quando a arte produz as sensações derivadas dos perceptos e afectos, muda o indivíduo e também a arte, é uma mudança constante, repetidamente e sempre diferente principalmente em relação às intensidades. Força, Sensação e devir-sensível são conceitos importantes para entender os perceptos e afectos. Por isso, a arte captura as forças, e não as reproduz, reinventa-as e desencadeiam blocos de sensações que foi instituído através, também, dos perceptos e afectos criados pela arte e pelo artista. Definir um percepto ou afecto através da pergunta “o que é?” não seria o mais interessante, talvez, lançar mão de perguntas “o que quer?” ou “o que pode?” estaria desvencilhando mais à problematização.

¹⁰ No livro *Diferença e Repetição*, Deleuze critica a imagem do pensamento dogmático (pensamento por imagens) que está atrelada à representação. O filósofo sugere que vivemos em uma civilização do clichê, e apresenta pensamento sem imagem, que mais tem a ver com a diferença, que viabiliza passagens, movimentos, experimentações vitais, escapando das formas solidificadas e criando novos modos de existência.

Foram imagens trazidas como *eco-imagens*, e não apenas como registro pictográfico que atarracam o sentido normal das ideias e das figuras. Jamais querer explicá-las. Cada imagem, cada gesto é uma possibilidade de entrada para um mundo sem formas rígidas dos pensamentos sem seguir modelos estabelecidos... é um pensar flexível.

As imagens penetram vidas e, também, podem impor sentidos, condutas que ao mesmo tempo estão presas numa malha mercadológica e comunicativa, são palavras articuladas que, a partir da linguagem, tentam dizer o que é a imagem; imagens como diz Pelbart, (2017, p.253) “domesticadas à linguagem, imagens subordinadas à comunicação, imagens tomadas num sistema de troca ou da mercadoria (...). À imagem repleta de intenções, de cultura”.

Nesse sentido, penso naquelas imagens que viajam em direção ao mar, não as que permaneçam nele. São imagens vazias, não no sentido desvalorativo, mas, ainda, imagens que promovem acontecimentos, os quais, a partir dos encontros fabricaram novas intensidades que existem na medida em que fazem existir, também, outras imagens que ampliam novas atmosferas existenciais, onde nada se via, nada se sentia, é possível criar e romper as formas imagéticas.

Experimentações

As experimentações, pequenos ensaios, bem como o pensamento conceitual que envolve a trama destes e dos encontros vivenciados na pesquisa de dissertação, foram inspirados pela filosofia de Deleuze e Guattari, bem como alguns conceitos utilizados a fim de experimentar atravessamentos, não como uma obra artística a ser analisada, comentada e que procura dizer algo, mas com o intuito de que seja pensado outro modo de experimentar a biologia e arte a partir da diferença. Para efeitos didáticos o corpo textual foi organizado em três enfoques experimentativos, no entanto transponíveis, e de livre deslocamento entre eles.

Maura Baiocchi, Ana Mendieta, Rodrigo Braga e Carol Magno buliçaram um pensamento com a natureza, mais precisamente com a biologia. Atravessaram como recorte de expressividade estética e poética. Muito mais do que performance, dança, imagens, vídeos, sons... criam toda uma malha conceitual na busca de imersões simbióticas com a natureza. Essa relação “diz que o homem entra em relação ainda com outras forças (o cosmos no espaço, as partículas na matéria, o silício na máquina...): uma nova forma nasce daí que já não é mais a do homem” (DELEUZE, 2013, p. 150). Portanto, o que nasceu com tudo isso?

Experimentação - **Biólogo que dança**: o enfoque foi esgarçar de maneira geral sobre a relação que o biólogo tem com sua dança, que se metamorfoseia entre a *art(e)biologia*, como possibilidade de outrar a partir de gestos artísticos, poéticos e biológicos, mobilizadores de novas existências para a biologia e para biólogo, bem como para a arte e a dança.

Encontros cartografados de processos elaborados em diálogos com alguns elementos encontrados na natureza: folhas, barros, rochas, fios, árvores, águas, ventos, barbantes, elásticos... que fabulam novos diálogos com e doravante à natureza através da dança, efetuando, ainda, vibrações que ecoam biologies-outras, artes-outras, naturezas-outras para além do discurso ordenado, multiplicando-os. Por isso, atravesso-me nesta pesquisa para além de um murmúrio posto à fadiga, catalisando encontros vitais, como agenciamentos em devir, intensidades¹¹, fluxos e conexões, por que devir é aliança. Possibilidades de pensar conversações entre *art(e)biologia*, extraindo desse “e” uma dança qualquer, suja, com cheiro de lama e gosto de guano. E, quiçá, intensificá-las sem ladainhas que cadenciam discursos, encontrando-se com potências germinadoras. É deixar ser atravessado pelo mundo que habita os mundos!

Experimentação - **Entre Cavernas, Cachoeiras e Art(e)biologias**: Pari, pari a mim mesmo. Pari biólogos, artistas, antropófagos, cartógrafos... Partejou de minhas entranhas mundarés... Após dançar e produzir uma dança no e do corpo. O biólogo resolve fazer outras experimentações com a natureza, captura outros seres im-possíveis que se misturaram. Nesse corpo natureza sentiu desfazer alguma coisa do humanismo... homos... disse que separa o homem de sua animalidade.

O biólogo retorna ao local onde fez diversas experimentações biológicas, porém com outra proposta, com outras experimentações, como outro biólogo. Tratou-se de sentir o lugar, no sentido de produzir outras conexões com a natureza, com a biologia e consigo.

As experimentações **Biólogo que dança** e **Entre cavernas, Cachoeiras e Art(e)biologias**, foram produzidas e capturadas no caminho e na caverna/cachoeira do km 30, localizada no Ramal Novo Xingu, a 30 km da cidade de Altamira-PA e, também, na caverna da Planaltina, 3 km da cidade de Brasil Novo-PA e 45 km da cidade de Altamira-PA. Tanto as cavernas quanto as cachoeiras de ambos os lugares

¹¹ Para Deleuze e Guattari as intensidades são singularidades.

atraem pesquisadores e desbravadores em busca de locais pouco degradados e, também, por conta da sua biodiversidade.

Experimentação - **Igarapé Alta-mira:** Parque Altamira, Igarapé Altamira, Açaizal e Baixão do Tufi. Esses lugares mobilizaram o pensamento e fizeram um biólogo pensar sobre as águas de um igarapé. O que ficou após os moradores serem removidos de suas casas por conta da instalação de um Complexo Hidrelétrico? Uma imagem, uma lembrança, uma dança em movimento; águas que movimentaram corpos nutridos por elas, propõe-se movimentar.

São disparadores para além do flash da câmera: memórias, lembranças, movimentos, envolvimentos, mar-manto, tecidos se movimentando sendo águas, rio... O rio ou igarapé que ali um dia se fez hoje se refaz, porém de outra forma, diferente... Como? Dançando... O igarapé Altamira, mesmo sujo, era lugar de habitação de diversos moradores, mas hoje o que ele é? O que pode se tornar? Vazio... Vazio... Vazio... Biólogos estudaram e fizeram testes de qualidade de água, análises sociais com os moradores e “revitalização” do ambiente, contudo o que outros biólogos podem propor nesse mesmo local que difere? É nesse sentido que o biólogo, o qual dançou e experimentou nas cavernas e cachoeiras, decide fabular outras experimentações, outros testes... Criação de novas memórias, novas formas de habitar o lugar desabitado... Ali, nas margens sujas é onde tudo começa: igarapé-rio-mar-oceano... é o ciclo descíclico.

O enfoque neste ensaio não é diretamente no Biólogo em si, mas, principalmente nos processos produzidos por ele que buscava por outras biologias, coletando não mais amostras in-orgânicas, mas afectos, lembranças, transformando tudo isso numa *art(e)biologia*.

Destarte, primeiramente, foi realizada uma conversa com os moradores dos bairros Açaizal e Tufi, os quais tinham contato direto com o igarapé Altamira. Após tomada as informações, foi adquirido com os moradores fotos do local antes da instalação do Complexo Hidrelétrico de Belo Monte, ou seja, período em que os habitantes ainda moravam na localidade, com o intuito de realizar experimentações com estas fotografias do local antes do barramento e alguns objetos nas margens e no próprio igarapé.

Além disso, foi realizada uma instalação numa árvore no parque igarapé Altamira e que, de acordo com a biologia oficial, está morta. Trata-se de várias árvores que ali compunham o cenário, que não aguentaram ver seus vizinhos amigos serem

arrancados, mesmo com biólogos, engenheiros ambientais e florestais lhe dando todo o suporte científico, não era isso que elas queriam.

Vale ressaltar que não houve um aprofundamento explicativo neste ensaio, de maneira proposital, pois “a gente não gosta de explicar as imagens porque explicar afasta as falas da imaginação”, é o que dizia Manoel de Barros.

No intuito de transformar as imagens produzidas nas três experimentações, foram acionadas algumas intervenções tecnológicas como software *Adobe Photoshop e Adobe Lightroom Classic CC*, no sentido de inserir efeitos não tão comuns e brincar com os elementos, cores, texturas... Vale ainda ressaltar que essa etapa de des-figuração das imagens ainda não se findou, as imagens estão passando por um processo de criação, que se iniciou desde a construção junto aos elementos da natureza, com as edições (tecnológicas e manuais). Nessas edições proponho explorar novas experimentações após a captura das imagens fotográficas, no sentido de “propor fotografias como espaço de criação, sobreposição de realidade, encenação e fantasia” (LEITE, 2016, p. 43), realizando, ainda, um jogo dinâmico de intervenção da imagem que não exclui o observador, pelo contrário, incomoda-o no sentido de ferir entranhas representacionais. Experimentando e sentindo a imagem que está entre o racional e o sensível, que subverte a tríade: criador, arte e observador, fazendo experimentações dançantes, criativas, na natureza e possibilitando outras funções para o biólogo.

O pensamento que aqui é entrelaçado se deu, em todo momento, atravessado por arte-filosofia-ciência¹², tentando ainda, empalidecer possíveis fronteiras que insistem em delimitar onde se está. Pergunto-me então, onde se quer estar? É necessário estar? O que não se deseja é delimitar onde as experimentações estão, aonde passaram ou passarão, apenas experimentar, sem definições, territórios e fronteiras entre *art(e)biologias*, que dançam. Atravessam.

¹² Cada filosofia, cada ciência e cada arte produzem suas “coisas”, suas experimentações, suas criações. Deleuze e Guattari no livro *O que é filosofia?* asseguram que essas três áreas do conhecimento, ou do pensamento, são produtoras, sendo que, a filosofia seria criadora de conceitos, a ciência de funções, e a arte de perceptos e afectos. Não há perceptos sem afectos e ambos estão estreitamente ligados à criação, sendo que os perceptos são conjuntos de sensações e afectos o próprio devir-sensível (DELEUZE, 2013 p. 171). Para Deleuze e Guattari (2012, p. 7) o que interessa “são as relações entre arte, ciência e filosofia. Não existe privilégio de uma dessas disciplinas sobre outras”, ou seja, todos esses saberes estão em processo de criação. Entre tais processos não há um mais difícil ou mais importante, e, cada um deles é criador. Portanto, é possível que uma função e um bloco de sensações se encontrem? Esses encontros se dão a partir de ecos e ressonâncias entre arte e ciência que, como foi mencionado, é criação, é ter uma nova ideia, um novo pensamento, fazer surgir algo novo, uma “coisa” nova (MACHADO, 2009), que tem uma relação com o caos. Portanto, recuso-me a fragmentar ciência, filosofia e arte como objeto de escrita. Não é uma dissertação sobre essas três forças do pensamento, mas acerca delas.

Poderia um biólogo pensar em outras possibilidades de experimentar a biologia, a arte, a natureza para além do já posto? Poderia fazer tudo isso dançar descompassadamente? Poderia propor outras formas de ver um igarapé e os moradores atingidos por uma hidrelétrica? Por quais caminhos entrarás e se perderás? Sugestão: não os tome como únicos, re-invente-os.

Biólogo que dança

Tomo a ideia de que a natureza não tem forma, é puro movimento, distingue-se pelas passagens que os elementos-coisas des-funcionais infinitos produzem. Trata-se de uma natureza monstruosa que é inventada e inventa-se, pondo em questão as produções de sentidos para ela que é pura hibridização animal e vegetal, compondo redes de interações sistemáticas. Ora, Deleuze e Guattari (2012, p. 41) sinalizam que a natureza é...

“(...) uma multiplicidade de multiplicidades perfeitamente individuada. O plano de consistência da Natureza é como uma imensa Máquina abstrata, no entanto real e individual, cujas peças são os agenciamentos ou os indivíduos diversos que agrupam, cada um, uma infinidade de partículas sob uma infinidade de relações mais ou menos compostas. Há, portanto, unidade de um plano de natureza, que vale tanto para os inanimados, quanto para os animados, para os artificiais e os naturais. Esse plano nada tem a ver com uma forma ou uma figura, nem com um desenho ou uma função. Sua unidade não tem nada a ver com a de um fundamento escondido nas profundezas das coisas, nem de um fim ou de um projeto no espírito de Deus. É um plano de extensão, que é antes como a secção de todas as formas, a máquina de todas as funções, e cujas dimensões, no entanto, crescem com as das multiplicidades ou individualidades que ele recorta. Plano fixo, onde as coisas não se distinguem senão pela velocidade e a lentidão. Plano de imanência ou de univocidade, que se impõe à analogia. O Uno se diz num só e mesmo sentido de todo o múltiplo, o Ser se diz num só e mesmo sentido de tudo o que difere. Não estamos falando aqui da unidade da substância, mas da infinidade das modificações que são partes umas das outras sobre esse único e mesmo plano de vida.”

Em *Abecedário*, Deleuze e Parnet (1988, p. 13) dizem que a natureza “é um conjunto de dobras móveis”. Sendo assim, para estes autores a natureza sempre está na ordem das movimentações e em constantes transformações.

O biólogo experimenta a natureza, esses movimentos da natureza a partir de... Silêncio! Para ele, *art(e)biologia* e *art(e)natureza* tratam-se de uma coexistência, um constituindo-se do outro, um sobre o outro, um no outro. A natureza é arte, é artística.

A natureza e a arte parecem afastar-se, mas antes que o pensemos já elas se encontram.

(Johann Goethe)

Dobras na/da natureza

O biólogo mergulha nas dobras¹³ da natureza produzindo *eco-processos*¹⁴ que habitam nelas e não apenas nela, mas em outras possíveis mil-dobras. A natureza é uma multiplicidade de transformações.

Gaia é a terra viva, é um ser de mil dobras

(Bruno Latour)

Trata-se, ainda, de perceber que o Biólogo não é um fora da natureza, mas é a natureza... Não há separação entre natureza e cultura¹⁵. E nessas dobras é possível pensar outras corpo-sições vitais, sempre em constante movimentação, que se reconstroem com e nas múltiplas forças, na tentativa de conexões e produção de potentes devires que são criadas com e na natureza.

Por isso o biólogo desloca-se para deslocar ainda mais os *ecos* advindos de *processos*, que são ressonâncias de forças¹⁶ encontradas no experimentar com a natureza, e em contato com o(s) fora(s).

Eco-processos

Esses planos de composição dos *eco-processos*, conforme foi mencionado sobre as *eco-imagens*, jamais são no sentido de comunicar algo que, inspirado em Deleuze, pontua a inexistência entre comunicação e arte, pois a comunicação estaria mais na incumbência de informar, “que é fazer circular uma palavra de ordem” (DELEUZE, 1999, p. 04). Deleuze mais uma vez subverte a ideia de arte que é pensada a partir da

¹³ O termo dobra nas suas diversas configurações (dobrar, dobrando, dobrado) aparece com bastante frequência no livro *O que é filosofia?* de Gilles Deleuze e Félix Guattari, quase sempre associado à movimento (p. 49, 62, 65, 93, 109, 229...) que nada tem a ver como duração temporal, mas com diferença conforme sinaliza Takayama (2014, p. 273), os movimentos não estão nas coisas, as coisas que estão em movimento. “O movimento insufla vida e novidade na matéria/imagem/arte” (p. 267). Abandono o termo obra, pois em momento algum pretendo estratificar ou cristalizar todo o agenciamento artístico que proponho, prefiro o processo, que acontece na entre-dobras da natureza.

¹⁴ Tais movimentos denomino de *eco-processos*, que são abalos que cambiam por entre imagens-forças que aqui se desdobram na natureza.

¹⁵ Natureza e cultura tornaram-se dois elementos estritamente opostos. Dois polos distantes sem conexões entre si. Quando falamos de natureza, logo nos vem à mente as plantas, pedras, cachoeiras, animais, lagos, flores, rios, mares, entre outros. Elementos que juntos compõem a natureza, cuja origem é pensada sempre a partir de um processo naturalista, seja por meio de um criador divino, como defende os religiosos, ou produto do acaso como relativizam os defensores do evolucionismo. Ambas as correntes encontram semelhanças ao colocar a natureza como algo que está dado. Não há sobre o homem um poder inventivo com a natureza (DE AMORIM; GONÇALVES, 2014).

¹⁶ Vale ainda pensar “ora as forças se fundem umas nas outras em transições sutis, decompõem-se e logo são vislumbradas, ora se alternam e se enfrentam. Ora deixam-se selecionar pelo território, e são as mais benevolentes que entram em casa. Ora lançam um apelo misterioso que arranca o habitante do território. Ora lançam um apelo misterioso que arranca o habitante do território, e o precipita numa viagem irresistível (...). Ora se abatem sobre o território e o invertem, malevolentes restaurando o caos de onde ele mal saía.” (DELEUZE; GUATTARI, 2013 p. 220)

conjugação do verbo comunicar e transmitir, deixando-a mais leve, no entanto resistente.

As forças que se desdobram são poéticas e políticas. Jacques Rancière, ao partilhar algumas ideias com Deleuze e Nietzsche, vem fundamentar seu pensamento sobre arte articulando à política. Rancière (2005, p. 8) diz que na política há uma base estética que tenciona conceber universos possíveis, denominando-a de política da arte que tem a ver com produções ativas de “ficções ou dissensos, agenciamentos de relações de regimes heterogêneos do sensível”, não para algum ato político, mas para sua própria intervenção política, pois “é realmente político não o conhecimento das razões que produzem tal ou tal vida, mas o confronto direto entre uma vida e o que ela pode”. Um olhar que age numa mudança de subjetividades biológicas e artísticas afogados em modelos narrativos através do defrontar e resistir aos regimes sociais. Tais pensamentos que articulam práticas artísticas e biológicas com a resistência e buscam mais pelo invisível do que o visível; o apercebido do que o percebido; o inaudível do que o audível, para que haja a mudança dos afectos, ou então, o aumento deles.

Simbioses

Deste modo, o biólogo resiste e insiste ao se metamorfosear no/o mundo de diferentes maneiras. Além disso, no momento em que ele entra em contato com qualquer coisa, já não é mais aquilo, não é mais o mesmo, “não é uma concepção finalista, mas melódica, em que não sabemos mais o que é arte ou natureza”, biólogo ou artista ou cartógrafo, ou... Há apenas pensamentos/movimentos que transpassam coisas. (DELEUZE E GUATTARI, 2013, p. 219). Experimenta cisões, encontros e desconfortos que colapsam a tríade: criação, criador, contemplador.

O criador se vê sempre diante de uma situação questionante, como se ele ouvisse a voz de uma esfinge irônica, perguntando-lhe: e agora? A obra o questiona, o chama, o parasita, o explora, o escraviza, o anula – ela é um monstro! – mas ao mesmo tempo ela demanda seu testemunho, sua solicitude, inclusive para encontrar o acabamento que se insinua e que exige sempre discernir o que é factível em meio ao caos do mundo. Nenhuma intencionalidade, nenhum antropocentrismo, nenhuma mistificação da obra impossível – mas a instauração, o trajeto, a alma equivalente a uma perspectiva. (PELBART, 2017, p. 225).

Desatar a vida para a potência, para a resistência, pois resistência é humano e também criação, culmina em uma luta entre homens e outros seres quaisquer no processo inventivo. Novos caminhos inventivos entre a arte e a biologia podem resistir, de-compor matérias sensíveis, não imitar a natureza, mas compor corpos-natureza desnaturados. *Art(e)biologia* em deriva que são compostas de minúsculas partículas

num processo contínuo de mutação sem desunir-se por inteiro. São junções interespecíficas¹⁷.

Simbiose-agenciamento, em que cria e traz alianças que podem ser co-rompidas. Intensidades que compõem *eco-processos* entrando em *simbiose*. Os *eco-processos* são as próprias *simbioses* em devir, isto é, se transformam nessa heterogeneidade que sempre está associada às *simbioses*, pois é ela “que coloca em jogo seres de escalas e reinos inteiramente diferentes, sem qualquer filiação possível” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 15).

*cada multiplicidade é simbiótica e reúne em seu devir, animais, vegetais, micro-organismos, partículas loucas, toda uma galáxia*¹⁸

Simbioses sem contornos estão mergulhadas em tudo isso que consubstanciam, não para formar um monismo, mas, na multiplicidade ali presente, extraem forças heterogênicas ao compor seus ecos.

Pensar por agenciamentos em que a *simbiose* traz alianças que podem ser feitas eco-rompidas. Intensidades que compõem *art(e)biologia* entrando em *simbiose*. A *art(e)biologia* e os *eco-processos* são as próprias *simbioses*¹⁹ em devir, isto é, não são pré-determinadas e nem se sabe quais serão os resultados de tais mutações gênicas, pois “cada multiplicidade já é composta de termos heterogêneos em *simbiose*, ou que ela não para de se transformar em outras multiplicidades” (DELEUZE; GUATTARI, 2012 p. 34).

Ao dançar pelo chão, permite-se aqui pensar em minoridades²⁰ que não tem a menor utilidade, mas que, por outro, lado funcionam. Não se quer aqui desmoralizar a potência de uma arte menor, a intenção é subverter a ideia de utilidade, pois no mundo moderno as coisas são valoradas a partir da sua utilidade.

Territórios-estéticos

O biólogo andeja por muitos caminhos, e quando se perde, encontra-se, quando se encontra, perde-se novamente. É nessas velocidades e lentidões que ele também

¹⁷ Termo que foi mencionado no livro *O que é filosofia?* na página 219, em que os autores estão sempre associando arte e natureza com a multiplicidade, um território com planos e extensões.

¹⁸ Mil Platôs v. 4 de Deleuze e Guattari, 2012, p. 35.

¹⁹ As *simbioses* são curiosas, pura heterogênese. *Art(e)biologia* e *eco-processos* inventam com as *simbioses* e as forças que delas retiram, portanto as pontes-devires são construídas para facilitar as conexões, vale ressaltar que não se sabe onde uma ponte-devir irá surgir, ela apenas nasce, com suas forças, cruzamentos, inserindo uma coisa na outra, entrelaçando os sentidos, transformando as lógicas, os sistemas.

²⁰ Na obra de Kafka *Por uma literatura menor*, Deleuze e Guattari problematizam o conceito Menor.

caminha por *territórios-estéticos*²¹, uma terra inventiva, que brota coisas sem controle criativo. Deleuze em entrevista com Parnet diz o seguinte:

constituir um território, para mim, é quase o nascimento da arte. Quando vemos como um animal marca seu território, todo mundo sabe, todo mundo invoca sempre... as histórias de glândulas anais, de urina, com as quais eles marcam as fronteiras de seu território (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 3).

Para o biólogo os animais de território são prodigiosos, não estão integrados num sistema familiar quase humano, produzem intensidades nas fronteiras desses territórios que designam o estado da arte através de linhas, cantos, cores... O território em si é a característica do animal, lugar onde ele se desmonta e se aventura em experimentações. Não visam um produto findado, mas penetra nos *territórios-sensíveis*²², do contingente e da singularidade, sempre de modo cambiante. É absorver os movimentos e as forças sem criar um produto findado em si, é mergulhar numa multiplicidade sem atribuições a um sujeito e um objeto, pois é encontrar-se “numa situação, seja cotidiana ou extraordinária, que transborda qualquer ação possível ou o deixa sem reação. É forte demais, ou doloroso demais, belo demais” (DELEUZE, 2013 p. 70).

Todas as experimentações vivenciadas pelo biólogo que dança perpassando por *art(e)biologia*, *eco-processos*, *simbioses*, *territórios-estéticos* foram, na sutileza dos encontros proporcionados pela natureza e seus “desperdícios”, formas de conectar-se com a natureza a fim de criar corpos, abandonar o corpo em putrefação e trazer outra energia. Seu corpo biológico e orgânico se decompõe para tornar-se outra coisa. Múltiplos átomos que transformaram o corpo, que o re-animaram, possibilitando, ainda, mover-se entre qualquer coisa. Partículas minúsculas que se combinam des-agregam cambiando por forças da e na natureza, fabulando-se em mil dobras com o corpo, que

²¹ Esse termo *territórios-estéticos* teve bastante influência a partir da filosofia de Deleuze e Guattari, principalmente no livro *O que é filosofia?* que é quando os autores se debruçam nas páginas 219 a 220 sobre o território da natureza, principalmente sua relação com a arte. Os *territórios-estéticos* têm menos a ver com lugar do que com desterritorialização, sendo que este último é o que mais lhe compõe como um campo de movimentos caóticos que exprimem criações sempre do diferente. Os *territórios-estéticos* são o caos circunscrevendo o cosmos em criação que ecoa: *simbioses*, processos, dobras, todo tipo de movimentação fabuladora. Neles o *caos* é bem-vindo, atrelado à resistência, onde se produz artefatos/comunidades sensíveis que não se determina por lei ou pelo poder do Estado.

²² Produção de um novo corpo destinado a algo que não é a exploração, um corpo destinado a luta coletiva, corpos/olhares livres e desinteressados. Programa completo de transformação da vida coletiva, com vista a reinstaurar a não distinção ou não separação entre arte e vida (bio). Os *eco-processos* se potencializam nos *territórios-estéticos*, onde “muitas funções orgânicas se transformam, sexualidade, procriação, agressividade, alimentação, mas não é essa transformação que explica a aparição do território e da casa; seria antes o inverso: o território implica na emergência de qualidades sensíveis puras, *sensibilia* que deixam de ser unicamente funcionais e se tornam traços de expressão, tornando possível uma transformação das funções” (DELEUZE; GUATTARI, 2013 p. 219).

para ele e por si só jamais existiram, pois ele não é artista ou biólogo. Criaram e continuarão a criar outras coisas — pássaros, árvores, peixes, água — uma criação sem fim e, ainda, alastra-se descontroladamente, re-combinando.

Ele dormiu corpo e acordou corpo-outro imbuído na seiva vital. Os sonhos produzidos por este sono são muito mais excitantes do que qualquer realidade acordada. O sonho não se finda em si, prossegue ao acorde do acordar com o canto das árvores, o grito da terra, as cores da terra, o ortiga das águas, a ardência das flores, o cheiro do ar. O biólogo que dança aqui não se comunica com o fora, perde-se com ele. Nesse choque experienciado tudo nasce como um carnaval extático que coabita uma errância inventiva, que vaza, infiltra feito uma trepadeira.

Experimentação-Entre Cavernas, Cachoeiras e Art(e)biologias...

Poderia a natureza como um ecossistema ser um laboratório do corpo e das sensações? Como a *art(e)biologia* se cruza com/na natureza e o que se compõe nesses vazamentos, nessas relações, que naturezas podem ser multiplicadas e inventadas?

Biólogo Cartógrafo

Então a cartografia é um des-caminho que se dá embaralhado em vários encontros que levam às problematizações, não necessariamente de uma pesquisa. São planos de imanência intrinsecamente experienciais. A cartografia não delimita-se num método, antes de tudo é um modo de vida.

É pelo entre que a cartografia dissemina os múltiplos movimentos criados (MASNY, 2013). E é neste entre que se quer pensar a cartografia, entre *art(e)biologia*, entre *art(e)natureza*. Sendo assim, não importa saber o “que é” essa cartografia, mas “como” a partir dela se pode experimentar meios de percorrer por uma natureza caótica.

Foi nesse campo de forças experimentativas e cartográficas que o biólogo se perdeu no trajeto e nele deixou cair as racionalidades que a biologia havia forjado. Deixou cair o que o tolhia de experimentar os lugares e fazer parte deles. Optou por não seguir uma direção, ou talvez melhor, uma única direção. Optou por além de ser cartógrafo ser antropófago.

Biólogo antropofágico

Poderia, então, falar de um biólogo antropófago, considerando o conceito de antropofagia apresentado por Rolnik:

“engolir o outro, sobretudo o outro admirado, de forma que partículas do universo desse outro se misturem às que já povoam a subjetividade do antropófago e, na invisível química dessa mistura, se produza uma verdadeira transmutação” (ROLNIK, 1996, p. 10).

Todo esse processo faz lembrar dois episódios contados pela autora sobre a cultura brasileira, mais precisamente sobre o canibalismo indígena. O primeiro é sobre os índios Caeté que cozinham os pedaços do primeiro bispo do Brasil chamado Sardinha, junto com noventa tripulantes que estavam com ele e morreram num naufrágio, os quais vieram com o intuito de catequisar os índios. Na mesma perspectiva a autora fala do desbravador Hans Satden que foi capturado por índios Tupinambá e preparam-no para devorá-lo num ritual, no entanto, desistiram pela falta de valentia do desbravador. Os índios buscavam muito mais que matar a fome através do ritual, tomavam para si os atributos do alimento.

Ambos os casos se tratam de rituais antropofágicos realizados pelos índios no Brasil colonial através de cerimônias coletivas que devoravam os inimigos, no entanto não podia ser qualquer um. O costume antropofágico também era percebido com os Yanomami, porém entre os habitantes de uma mesma tribo, este povo ingeria as cinzas de entes queridos por amor, respeito e carinho, não por meio de ritual brutal como os Tupinambá e Caeté.

Muito mais do que devorar carnes, o ritual antropofágico é tomar para si a função vital do outro (ROLNIK, 1996), seus universos dos mais variados, “a arte do impossível, a arte de atravessar espelhos, de devir: metamorfose invisível” (CASTRO, 1986, p. 618).

À vista disso, trouxe essa ideia com o intuito de movimentar o biólogo que se alimenta dessas coisas da natureza e se compõe com elas, transforma-se nelas e elas nele. O biólogo entra em devir.

Biólogo e o devir animal

O biólogo entrou em devir, que não se trata dos “fenômenos de imitação nem de assimilação, mas de dupla captura, de evolução não paralela, de núpcias entre dois reinos” (DELEUZE; PARNET, 1998, p.10). Devir animal, selvagem, arbitrário, que não segue regras ou condutas domesticadoras. Devir animal jamais é imitar o cachorrinho ou o gatinho. Seu êxtase é o agenciamento de multiplicidades, pois lá as alianças serão construídas para devir animal (DELEUZE; GUATTARI, 1977). Agenciar é o que o devir animal faz.

Devir animal é precisamente fazer o movimento, traçar a linha de fuga em toda a sua positividade, ultrapassar um limiar, atingir um *continuum* de intensidades que só valem por si mesmas, encontrar um mundo de intensidades puras em que todas as formas se desfazem. (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 27).

Elizabeth Grosz, em seu artigo *A arte e o animal*, diz que “a arte é do animal (...) o que há de mais artístico em nós é também o mais bestial”. A arte tem muito a ver com o caos e não o limita, não o desacelera (DELEUZE; GUATTARI, 2013), são zonas de indeterminações, isto é, de transformações, e é nela que todos os devires se proliferam inclusive o devir animal. É o que problematiza Grosz (2012, p. 122) “os animais são artísticos?”.

Certamente há muito mais relação entre o devir animal e devir-artístico e sabe-se que esses devires proliferam intensidades, forças que as fazem vazar pelos muros claustrofóbicos no encontro de experimentações.

Deleuze e Guattari (2013, p. 217) vaticinam que “a arte começa talvez com o animal, ao menos com o animal que recorta um território e faz uma casa (os dois são correlativos ou até mesmo se confundem)”. Estes dizeres sugerem um possível início para a arte e sinaliza um embaraço entre o animal, o território e a própria arte.

Devir animal não é deseducar-se, é tornar-se imbuído numa multiplicidade avassaladora, briga ferozmente por comida e pelo seu território, está em constante movimento. No entanto, o biólogo não pode estar sempre articulado aos devires-animalescos, é uma passagem pelo inferno, uma "realidade demoníaca do devir animal do homem" (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 39). São risadas demoníacas que queimam e ativam o caos, por isso, talvez, todo devir é intenso e ressona dos encontros alegres.

O biólogo, nas suas andanças, encontrou alguns seres inventados por ele. Não se quis catalogar ou ao menos descrever, como faz (muito bem) Jorge Luis Borges em seu livro dos seres imaginários. Deixo para que o leitor desfrute desses seres im-possíveis e, caso queira, invente suas próprias descrições.

Esta lâmina textual que compõe o texto de dissertação foi produzida no sentido de apresentar um maior aprofundamento para algumas questões trazidas nas experimentações, principalmente as: **Biólogo que dança** e **Entre cavernas, Cachoeiras e Art(e)biologias**. Trata-se de uma leitura necessária que é desnecessária. Que não deixa de ser uma experimentação que se conecta a criações. Sendo assim, termino esta

entrada do texto no sentido de dissolvê-lo, não que ele desapareça, mas que ele dance não apenas uma dança. Como o artista Renato Ferracini no processo “Dissolva-me-se”, dança-se o vazio do esvaziamento, o silêncio. Um processo que não é performance, nem literatura, nem espetáculo, fotografia ou videoinstalação, (ou seria um com-junto?) “uma ode aos 0,01% de inventividade deformada feito Francis Bacon e alicerçada pelos atlantas, ou o que dá no mesmo, pelos inexistentes (...)”. Ainda escrevo sobre Deleuze/Guattari, biologia, arte, hidrelétricas, danças, biólogos ou será “Dissolva-me-se”? Uma dissertação dissolveu-se-me num processo onde “não há lógica, assim como na vida organizada”, logo, o território é metamorfoseado entrando em velocidades e lentidões, modifica-se e é modificado pelas suas sensações, caro leitor, que faz parte do processo.

Cartas desprezíveis

O biólogo avista uma pequena floresta-caverna-cachoeira ao longe. E nisso pergunto: o que podem os múltiplos encontros com tais ambientes? Não se sabe ao certo, apenas que, deles, surgiram duas cartas, e nelas não estão contidas apenas palavras, mas, sobretudo, forças que outrora foram produzidas pelos mil encontros a partir de experimentações. Encontros que ecoaram de vidas que estão conectadas a elas e embaralharam-se.



As cartas foram lançadas nas águas esverdeadas e misteriosas de um igarapé no meio da estrada, torcendo para que elas fossem arrastadas pelas águas a fim de promover novos encontros antes que as cartas morram, antes que tudo se apague, antes que as palavras se desmanchem.

Ele não quis aqui dizer do que ao certo as cartas se tratam, apenas incentivar o leitor para que experimente o encontro-leitura. Movimentar-se por entre prosas e versos, por entre cavernas e cachoeiras, por entre artes e biológicas, por entre lugares: a caverna da Planaltina e um Laboratório de Ciências, neles os corpos-vozes experimentaram/ão pipetas, vidraças, cachoeiras, morcegos, jalecos, intensidades, devires... Compondo e ampliando outras existências onde nada se via, onde nada se sentia...

Carta I

Floresta, entre cavernas e cachoeiras de uma lua cheia

Caro leitor, as suas cartas ainda estão fundidas em árvores, águas, rochas, terra, macacos, cigarras, rabiscos, partículas de tintas... Um multicolor vibrante enleado às folhas de papel. São cartas que me lembram das folhas das árvores que encontrei, as quais também estão fundidas a outras coisas... Experimentações impossíveis, cartas-art(e)biológicas que contam sobre as experimentações produzidas numa cachoeira, nas paredes frias e esverdeadas de uma caverna que exala guano, exala morte e vida das fezes de Andirás ou Guandiras, seres que enxergam e se

comunicam com as narinas, revoam com as mãos, dormem de ponta cabeça e constroem uma amizade simbiótica com diversos vegetais.

Aliás, preciso contar-lhes algo, acabo de retornar à cidade, estava foragido! Não aguentava tantas vidrarias, jalecos, pipetas, revestidos de tons de brancos e cinzas que se intercalavam e me intercalavam. Peço que me entenda, ansiava por outras aquarelas! Verde, vermelho, azul... Movimentos não foliados que me afogam nos delírios mais profundos, na busca de uma realidade irreal que não me asfixie, para que o território caótico se torne abrigo onde possa colher passagens que me tiram de dentro de mim. Pois o ser já não me satisfaz, nem mesmo os movimentos foliados.

Antes de mergulhar-te-me nos experimentos desta caverna-cachoeira-floresta preciso contar-lhes algo que aconteceu comigo em 2012 numa aula de campo que inicialmente fui com o intuito de fazer experimentos na e com a natureza, mas tudo já estava tão orquestrado que me sentia ainda preso ao laboratório.

Era uma tarde qualquer quando tudo já estava pronto, a armadura que me compunha como um bio-experimentador estava trajado: bota, calça, camisa com mangas compridas junto aos elementos essenciais para grande tarde de desbravanças: água, protetor solar, alimento, amizades, volição pelos encontros da tarde.

A mata era fechada e nela os bio-experimentadores seguiam o bio-experimentador mais experiente. Era uma única trilha distante, os espinhos incomodavam, a fadiga possuía o corpo, mas nada era mais gratificante do que experimentar o ambiente, imbuir-se na sua fauna e flora; ver aquilo que nunca foi visto, tocar naquilo que nunca foi tocado, é uma experimentação que extrapola o limite do estudo da vida, aliás, é um estudo que excede a própria noção de saber sobre algo, é sentir isto, aquilo, coisas...

Cada passo era uma experimentação, pudera, tratava-se de bio-experimentadores em busca de encontros com “coisas” da natureza. O discurso era: aplique aquilo que foi outrora ensinado, aplique a teoria aprendida. Lorota! Estávamos em um lugar que de prescrito não tem nada, todos nós sabíamos, mas era necessário inventar um protocolo experimental que pouco servia naquele momento, mas quem sabe um dia poderia servir.

As técnicas de coleta, os equipamentos para extração, a leitura feita da vida que ali continha, caracterizou com grande tenacidade aquela tarde e muitas outras que foram produzidas ali e em outros lugares pouco desbravados por bio-experimentadores. Mas a biologia que ali latejava tinha seus momentos de alucinação,

de outras experimentações que não seguiam aquele protocolo que mencionei anteriormente.

Estavam novamente os bio-experimentadores prontos para desbravarem mais um ecossistema, olhar para ele a partir de um sistema científico. Tolos! A ciência moderna não dá conta de todos os encontros vitais. O raiar do sol despertou os bio-experimentadores que resolveram experimentar as vidas que compunham todo aquele ambiente, insistindo sempre em dizer num tom messiânico – precisamos utilizar as pesquisas científicas para proteger a floresta, precisamos garantir a conservação das espécies deste e daquele ecossistema – não importa como se dê a manipulação, o governo precisa gerir a manutenção da vida.

A saga continuara e com ela a vida se mostra aos bio-experimentadores: ninhos de tartarugas, ninhos de jacarés, macacos... todo um ecossistema que a biologia por si só não consegue explicar. E quem quer explicações? Quem precisa de explicações? Os bio-experimentadores?

Na busca de explicações, um encontro inusitado aconteceu, aquele que se dá na ordem dos acasos, que não é com pessoas, mas sim com... Silêncios! Estavam eles, os bio-experimentadores, defronte a uma revoada de centenas de pássaros. Nessa hora todas as certezas, todas as explicações, toda razão proporcionada pela biologia racional entrou em delírio. Os pássaros os convidaram para uma dança de apenas trinta segundos, o suficiente para proporcionar outras experimentações com a natureza. O pensamento voou, dançou, se tornou pássaro, arrastaram, naquele momento, outras possibilidades de sentir e ver o ecossistema, lugar em que os pássaros não são apenas concebidos a partir de mecanismos ecológicos, mas “virtuosos, artistas, e o são, antes de qualquer coisa, por seus cantos territoriais”²³, deste modo, numa mesma revoada de pássaros vimos processos biológicos, e, também, processos artísticos.

Os movimentos experimentativos daquela aula ins-piraram-me. Os encontros foram intensos, subvertendo a biologia e seu frio discurso, criando possibilidades-outras experimentativas e inimagináveis. O que antes era uma floresta onde habitavam coisas que precisavam ser manipuladas a partir de experimentos, tornou-se uma floresta com outras vidas, verde, transgressiva, possibilitando outros sentidos.

²³ Trecho do livro *Mil Platôs* v.4 de Deleuze e Guattari, p. 130.

E lá estou novamente, numa floresta-caverna-cachoeira, vagueando por entre florestas, cavernas e cachoeiras, ziguezagueando com o movimento performativo da natureza, do ar e de tudo que a compõe. Parece-me que ali a vida estava embaralhada por todos os lados, criando-se e reinventando-se nas mais improváveis formas, um caos vital.



O oxigênio que saía da mata atravessava meu corpo para então transformar-se em gás carbônico pronto para ser consumido por outra forma de existência... Movimentos dessa complexa máquina da vida. No entanto, buscava por outros modos de oxigenação, outros modos de respiração, aquele ar que perpassava pela criação. Ar que nutre corpos. Cessando essa fonte ao corpo, este não mais aguentaria, poucos minutos seriam o suficiente para jogá-lo no rio das representações. Poucos suspiros, um último fôlego, esta é a respiração de muitos bio-experimentadores que estão sendo asfixiados para seguir regras ou mesmo por não segui-las. Quem os privaria de tal manancial vital?

Voltando a pensar com o compasso das florestas, as imagens são re-inventadas. Gesto-corpo-riscado que desatam fios, nós, identidades. Forças-diagrama que germinam flora amazônica e, ainda, derivas-cartográficas que fazem uma biologia não destinada aos laboratórios, ou mesmo uma arte não mais para as galerias, agora deseja aventurar-se pelas águas de uma cachoeira, pelas trilhas inexistentes de um recorte da Amazônia.

A biologia escapou por linhas de fugas trazendo consigo desterritorializações de atmosferas. Bio-experimentadores que esperavam pelo novo compasso da mu-dança, não porque mu-danças possuem maiores intensidades, mas, principalmente porque proporcionam outros encontros alegres ou tristes, e é claro, na ordem do acaso.

Uma mochila pesada nas mãos carregadas de tralhas tecnológicas para coletar pequenos seres que, por vez, pensa-se serem inferiores e passíveis de manipulações. Tudo isso ao som das árvores, macacos, ventos, musgos. Uma floresta cheia de armadilhas, encontros a povoam... O “homem da ciência” vive entre seus valores, seus mitos e suas necessidades. Onde armarei minha armadilha para capturar os meus

afectos? Na escuridão da caverna seria um bom lugar, preferencialmente nos compartimentos mais profundos. Então, como isca usarei um bocado de movimentos, processos inacabados, certamente conseguirei capturar meus afectos, paixões... Ser-me-ei tolo, eis que a armadilha estava todo tempo atada ao meu corpo, aliás, era eu minha própria armadilha e, assim como os encontros, os afectos também estão na ordem do acaso.

Mergulhando no suor da floresta, via corpos aberrantes. A pele do corpo é inundada. A pele da floresta é inundada. Ambas diluem-se. Os poros são rompidos e fissuram-se para uma possível respiração cutânea de um novo devir-artístico. Um salto da jusante à vazante na fúria movediça. Água que devora e consome.

Desce...

Desce-outro...

Desce-outro-novo...

Desce-outro-de novo...

O sol reflete a cor das águas: verde, azul, cristalina, marrom... Um olhar mostra uma cor, outro olhar mostra outra cor. Diagramações coloristas/colorantes que permitem novas diferenças. Vamos, roube uma cor, duas cores, quantas quiser.



Invenções in-ventadas pela biologia que também ins-piram encontros artísticos, encontros de coisas... Encontros que criam, que comem a.r.t.(e).b.i.o.l.g.i.a e, além disso, incitam conhecimentos que beneficiam quem? Portanto, penso a art(e)ciência como uma possibilidade criadora de derrubar essas delimitações bobas de arte ou ciência, sempre como itinerâncias, transitando entre experimentações científicas, experimentações artísticas, experimentações artísticabiológicas. Experimentações que metamorfoseiam processos, eco-processos, multi-processos

Por isso, não vos mando esta carta na busca por um destinatário já pensado, mas um destinatário qualquer. Todavia, que diálogos surgiriam a partir desta carta sem paradeiro? Cartas-sensações que navegam por águas poderiam encontrar

ancoragem? Temo que sim, temo que não... Temo pelas sensações que s(er)ão ativadas a partir deste encontro.

E neste bloco de sensações, termino esta minha carta, lançando-a num rio qualquer, entre o mar e um rio, talvez um rio-mar que neste encontro gera ondas. Venha pororoca, arrebente os ambientes estabelecidos, arrancando-os do lugar fixador de vidas, com um barulho ensurdecedor, modifique-os, modifique-os, modifique-os... enésimas vezes... Viole com mansidão? Também, viole como desejares, inclusive com violência. Resista, re-exista, insista em novos fluxos! Aproveite e leve consigo minhas cartas a um biólogo-artista, artista-biólogo, a um(a) qualquer, mas antes pulverize pinceladas de vida por onde passares.

Para outro biólogo-artista qualquer...

Carta II

Belém, 07 de Novembro de 2016

Saudações...

Prezado Biólogo-Artista escrevo-lhe esta carta, a qual nem sei dizer se posso chamá-la de carta-resposta. Aqui estou prostrado sobre uma bancada de laboratório, por entre vidraçarias, pipetas, jalecos e soluções. Confesso que não sei como ela chegou às minhas mãos, é que em nada pareço com outro biólogo-artista qualquer. É fato que sou biólogo, por força de formação institucional, mas de arte penso que nada sei. Acabo de ler tuas palavras, uma leitura menos narrativa e mais sensitiva, e estou em estado de delírio. Tuas palavras foram arrancadas do papel, impregnaram em minha pele, provocaram em mim outros sentidos, únicos, um verdadeiro bloco de sensações e, dentre elas, desconforto! Ora, poderia um biólogo ser artista? Ou, um artista ser biólogo? Poderiam arte e biologia dialogar? Poderia um corpo cientista performatizar em meio à floresta? Poderia um corpo artista performatizar pesquisas científicas no laboratório?

Assim como estas indagações floresceram a partir do encontro que tive com tua carta, lembranças atravessaram meus pensamentos de modo que já não era mais possível seguir nos teus versos sem, concomitantemente, transmutar-me imediatamente para uma caverna explorada por dois corpos em um domingo desses qualquer.

Tudo começou com um convite de um amigo para lhe ajudar com um trabalho da universidade: experimentar a natureza. Confesso que de imediato relutei a aceitar aquela proposta, afinal era domingo. Porém fui vencido, é difícil um coração apaixonado permanecer firme na negação, e que bom foi perder essa batalha. Hoje, por meio da tua escrita, olho para aquele dia com outros olhos, quem sabe o olhar de um biólogo-artista.

Caminhávamos calmamente pela floresta, o destino era a caverna da Planaltina. Ali, enquanto meu amigo performatizava conexões com os elementos da floresta: árvore, rocha, água, terra, vento, serapilheira... minha missão era “capturar”, com a máquina fotográfica, os movimentos daquele momento.

Aqueles encontros potentes saltavam-me os olhos, corpo e natureza em um verdadeiro estado de simbiose, corpo-árvore, corpo-água, corpo-rocha, corpo-solo... Enquanto registrava esse encontro, não consegui tirar da mente as palavras de Jacob Moreno:

*Encontro de dois.
Olho no olho.
Cara a cara.
E quando estiveres perto
eu arrancarei
os seus olhos
E os colocarei no lugar dos meus.
e tu arrancara
os meus olhos
e os colocará no lugar dos teus.
Então, eu te olharei com teus olhos
E tu me olharas com os meus.*

A princípio, confesso que me encantei pela beleza daquele momento. Não obstante aqueles encontros improváveis com a floresta, encontro de dois, homem e natureza, olho no olho, pele com pele, olhar com o olho do outro e ser olhado com os próprios olhos, agenciaram em mim aberturas para pensar minha relação com a natureza por outras vias.

Infelizmente a calada da noite chega para todos, inclusive para aqueles dois desbravadores-biólogos-quase-artistas-quaisquer, era preciso recolher as coisas e (re)fazer o caminho de volta, deixar para trás as cores e o cheiro da floresta, para

então voltar a respirar o ar mórbido que exala da cidade, cercados pelo cinza dos edifícios e o preto do asfalto.

Guardei os sentimentos produzidos naquela experiência comigo, as fotos também, porém ao experimentar uma carta de um biólogo-artista, aquelas sensações explodiram novamente dentro do meu corpo, (ins)pirando-me, movendo-me ao infinito, a navegar por mares nunca antes navegados: os da arte e suas conexões com a biologia.

Preciso me despedir agora, aproveito os intervalos de uma esterilização e outra para escrever esta carta-quase-resposta. Peço que mantenhamos contato, quem sabe combinar outras experimentações em um domingo desses qualquer.

Abraços afetuosos de um biólogo-curupira qualquer

EXPERIMENTAÇÕES

ART(E) BIOLOGIA

A DANÇA (NÃO) É...

A dança (não) é...

A dança (não) é ballet. A dança (não) é movimento. A dança (não) é bailar. A dança (não) é música. A dança (não) é alívio. A dança (não) é inspiração. A dança (não) é vida. A dança (não) é natureza. A dança (não) é biólogo. A dança (não) é danças urbanas. A dança (não) é pesquisa. A dança (não) é cores. A dança (não) é elástico. A dança (não) é dinamismo. A dança (não) é ponta. A dança (não) é fotografias. A dança (não) é cultura. A dança (não) é história. A dança (não) é nobre. A dança (não) é circular. A dança (não) é tecnologia. A dança (não) é parada. A dança (não) é forma de expressão. A dança (não) é silêncio. A dança (não) é força. A dança (não) é energia. A dança (não) é equilíbrio. A dança (não) é cura. A dança (não) é revolução. A dança (não) é resistência. A dança (não) é dor. A dança (não) é beat. A dança (não) é atualidade. A dança (não) é arte. A dança (não) é para todos. A dança (não) é pensamento. A dança (não) é criação. A dança (não) é corpo humano. A dança (não) é pássaros. A dança (não) é tradição. A dança (não) é revolução. A dança (não) é tudo. A dança (não) é idioma. A dança (não) é linguagem. A dança (não) é brilho. A dança (não) é desfecho. A dança (não) é resposta. A dança (não) é plástico. A dança (não) é

desejo. A dança (não) é passagem. A dança (não) é lendária. A dança (não) é fumaça. A dança (não) é formação. A dança (não) é Amazônia. A dança (não) é carimbo. A dança (não) é passado. A dança (não) é futuro. A dança (não) é presente. A dança (não) é cobaia. A dança (não) é alimento. A dança (não) é um esporte. A dança (não) é criação. A dança (não) é um teatro. A dança (não) é uma apresentação. A dança (não) é mergulho. A dança (não) é mar. A dança (não) é igarapé. A dança (não) é rio. A dança (não) é luz. A dança (não) é combustível. A dança (não) é viagem. A dança (não) é experimentação. A dança (não) é rizoma. A dança (não) é um monstro. A dança (não) é idioma. A dança (não) é colagem. A dança (não) é lembranças. A dança (não) é carinho. A dança (não) é amor. A dança (não) é sexo. A dança (não) é ritmo. A dança (não) é acidente. A dança (não) é martelada. A dança (não) é pulsar. A dança (não) é sentido. A dança (não) é uma filosofia. A dança (não) é uma literatura. A dança (não) é única. A dança (não) é i-material. A dança (não) é intrínseca. A dança (não) é intangível. A dança (não) é uma borboleta. A dança (não) é um toque. A dança (não) é êxtase. A dança (não) é religião. A dança (não) é bomba. A dança (não) é arrebatamento. A dança (não) é um caminho. A dança (não) é começo. A dança (não) é um fim. A dança (não) é festa. A dança (não) é uma moda. A dança (não) é um

exercício. A dança (não) é uma luz. A dança (não) é magia. A dança (não) é anúncio.

A dança (não) é ninho. A dança (não) é uma brincadeira. A dança (não) é manifestação. A dança (não) é comunhão. A dança (não) é recompensa. A dança (não) é revelação. A dança (não) é dedicação. A dança (não) é trajetória. A dança (não) é respeito. A dança (não) é um tempo. A dança (não) é sedução. A dança (não) é artesanato. A dança (não) é técnica. A dança (não) é espetáculo. A dança (não) é marca. A dança (não) é um esforço. A dança (não) é paixão. A dança (não) é um cheiro. A dança (não) é sabor. A dança (não) é poema. A dança (não) é verso. A dança (não) é deitar. A dança (não) é dormir. A dança (não) é uma característica. A dança (não) é liberdade. A dança (não) é verdade. A dança (não) é coração. A dança (não) é suor. A dança (não) é companhia. A dança (não) é um segredo. A dança (não) é uma intenção. A dança (não) é sonho. A dança (não) é uma comida. A dança (não) é ilusão. A dança (não) é um ser. A dança (não) é humano. A dança (não) é um deslocamento. A dança (não) é ideia. A dança (não) é conquista. A dança (não) é uma forma. A dança (não) é significado. A dança (não) é mistério. A dança (não) é eu. A dança (não) é você. A dança (não) é calma. A dança (não) é temática. A dança (não) é tempestade. A dança (não) é pausa. A dança (não) é edição. A dança (não) é documento. A dança (não) é um

fazer. A dança (não) é sapatilha. A dança (não) é resultado. A dança (não) é clique. A dança (não) é designe. A dança (não) é construção. A dança (não) é referência. A dança (não) é padrão. A dança (não) é exibição. A dança (não) é investimento. A dança (não) é emagrecimento. A dança (não) é ritual. A dança (não) é celebração. A dança (não) é igreja. A dança (não) é apocalipse. A dança (não) é um casamento. A dança (não) é o vermelho. A dança (não) é realizações. A dança (não) é uma passo. A dança (não) é uma rede. A dança (não) é conexão. A dança (não) é localização. A dança (não) é substituição. A dança (não) é seleção. A dança (não) é substituição. A dança (não) é um raciocínio. A dança (não) é mudança. A dança (não) é averna. A dança (não) é nostalgia. A dança (não) é apego. A dança (não) é caverna. A dança (não) é barro. A dança (não) é olhar. A dança (não) é nudez. A dança (não) é um direito. A dança (não) é repetição. A dança (não) é crime. A dança (não) é estrofe. A dança (não) é contraste. A dança (não) é um modelo. A dança (não) é divino. A dança (não) é furacão. A dança (não) é um estalo. A dança (não) é importante. A dança (não) é bater. A dança (não) é emoções. A dança (não) é benefício. A dança (não) é direção. A dança (não) é saúde. A dança (não) é uma incógnita. A dança (não) é um improviso. A dança (não) é comercio. A dança (não) é uma imagem. A dança (não) é convite. A dança (não) é limpeza. A

dança (não) é eterna. A dança (não) é um corte. A dança (não) é identidade. A dança (não) é corte. A dança (não) é imposição. A dança (não) é reflexo. A dança (não) é instrumento. A dança (não) é esperança. A dança (não) é melodia. A dança (não) é uma alma. A dança (não) é saudade. A dança (não) é embaraço. A dança (não) é novelo. A dança (não) é fogo. A dança (não) é segredo. A dança (não) é domínio. A dança (não) é um aconchego. A dança (não) é família. A dança (não) é perfurar. A dança (não) é fantasia...

O que ela “é”? O que ela pode? Cabe ainda perguntar? A dança (não) é...

Um biólogo que dança

Artista-biólogo ou biólogo-artista? Essa pergunta se deslizou por entre os corredores de uma faculdade, no período em que um biólogo cursava Ciências Biológicas e dividia seu tempo com processos artísticos, em especial a dança. Uma pergunta que buscava afirmar uma forma de viver e estar no mundo: abandonar/escolher a dança ou abandonar/escolher a biologia? Eram perguntas que povoavam sua mente. Que tencionava seguir um padrão, uma escolha, uma categoria para poder de fato, inserir-se ou ser inserido na vida social mercantilista. Até que um dia, o biólogo decidiu experimentar o cruzamento de ambos.

Escutem-me amigos, professores, familiares
 Escutem-me queridas bio-logias
 Escutem-me por não conseguir escolher,
 já não quero mais...
 Escutem-me, não quero ser o mesmo
 Escutem-me, se ainda não sou o mesmo
 Escuto-me, por não ser mais quem sou
 Como tornei-me? Apenas torno-me!

Como um biólogo poderia pensar em outras possibilidades de experimentar a ciência, a biologia, a arte, a natureza para além do já posto? Poderia a natureza como um ecossistema ser um laboratório do corpo e das sensações? Como a *art(e)biologia* se cruza com/na natureza e o que se compõe nesses vazamentos? Danças?

É nesse sentido que desordeiramente se dança pelas flexuosidades que aqui se reverberam. Deste modo, não me refiro à dança clássica codificada em aprender a técnica+repetição, o movimento+repetição, a coreografia+repetição, acena-se a uma dança que subverte a própria ideia de dançar, que se movimenta para além da própria dança, pois “toda dança é uma quase-dança, posto que está se configurando com uma possibilidade enquanto dança e não uma delimitação do que venha a ser a dança” (FRANÇA, 2014, p. 12).

Essa dança, que maquina este ensaio-dissertação se arrisca, ao ser embalada por qualquer lugar, não apenas pelo início, aliás, nela, você pode inventar o seu início rizomaticamente. O rizoma²⁴ é a porta de acesso.

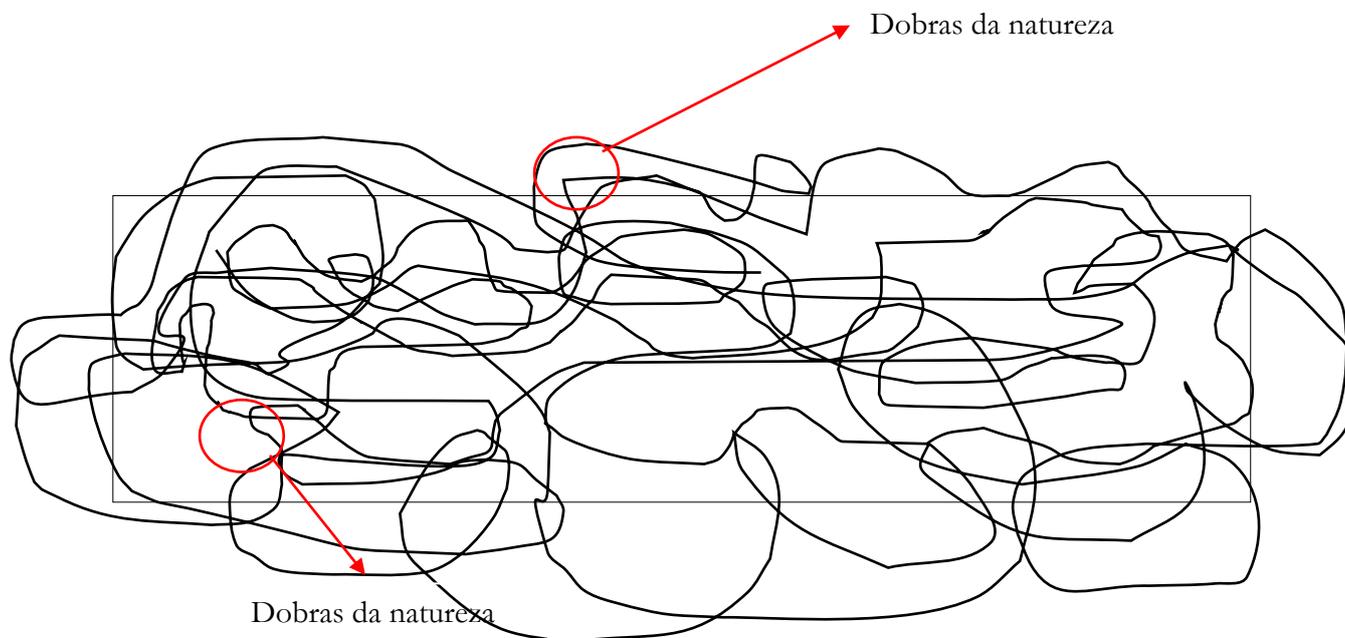
²⁴ Rizoma trata-se de um conceito de Deleuze e Guattari esboçado com maior cuidado na obra *Mil Platôs v1*, o qual os autores o caracterizam sendo heterogêneo e múltiplo. Nele não existe um centro, início ou fim, pode ser fissurado em qualquer lugar, conjugando sempre o “e...e...e...”.

Era, sem dúvida, a dança uma *Intercessora*²⁵ que movimenta o pensamento como potência criadora, fazendo-se dançar para o processo de invenção. Fissurando o pensamento da semelhança, os muros da representação, uma cartografia insubordinada da dança. Daniel Lins (2007, p. 56) diz: *repercute nos gestos os excessos, a violência, as fascinações, em que os dedos dos pés pensadores e bailarinos ritmas os versos e os aforismos do corpo liso numa vastidão de dobras sem dentro, sem fora, a dança é puro rizoma*. Portanto, é importante resistir, movimentar, pensar sem imagens clichês...

...andar por veredas
Perdido!?
Olhos vedados!?
Sentindo por todos os sentidos, até aqueles inventados por mim...

.0..é como movimentar-se numa dança pela primeira vez
É como lançar-se numa dança sem saber dançar
É como cantar uma música sem importar-se com a afinação
É como alçar voo sem saber voar
Deixa esse corpo experimentar
Lançar-se numa zona de constantes im-possibilidades
Turbulências
Dores²⁶

O biólogo andou, dançou e experimentou... nas dobras da natureza



²⁵ Pois “o essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. Sem eles não há obra. (...) É preciso fabricar seus próprios intercessores” (DELEUZE, 2013, p.160).

²⁶ Fragmento textual do texto “Com/trans/des figurando corpos de autoria de Carlos Augusto Silva e Silva e Maria dos Remédios de Brito.



As dobras nutrem os *eco-processos* que no movimento tudo dilaceram, não sendo mais possível ouvir vozes ensurdecadoras, nem ao menos reconhecê-las, eles perdem-se, desfazem-se, decompõem-se. São planos de composição dos *eco-processos* que não fazem o biólogo apenas sentir a experiência, mas o força a pensar a própria experimentação. Isto significa caçar as forças, capturá-las e transformá-las: é isso que ele faz. O biólogo biológico passa, deixando-se atravessar por outros biólogos, um pouco cartógrafo, um pouco artista, que dilacera e é dilacerado pela vida; permanece para ser criado e recriado. Biólogos outros variam; desfaz-se o ser, as identidades. Divaga-se por novos caminhos para pensar, borrar as fronteiras da arte-natureza-biologia-dança-ciência. Promove a criação de condições para a invenção de novos sentidos, novos des-caminhos. Portanto, tremer os contornos é uma possibilidade.

Um olhar cartográfico e deslocado do clichê seria um potente gesto político contra as forças que silenciam o pensar criativo que atravessa o biólogo. São os *eco-processos* que se misturam com *art(e)biologia* como potencial político e sensível na amplitude de discussões para/com a sociedade. É essa noção que ele apanha do movimento fabulador como caminho para descaminhar-se, apostando, ainda, na desconfiança das continuidades, e, a partir disso, tornar-se sensível na invenção de *eco-processos* que também façam pensar por diferentes caminhos possíveis.

Seguindo este pensamento da política da arte os dualismos (arte/ciência; belo/feio; corpo/alma) são empalidecidos ao estreitar tais esferas oportunizando relações, produzindo e ocupando novos dissensos, lugares, inclusive os que não são seus “de direito”. Ao suprimir política e arte, se vê a possibilidade para existir reafirmando a vida e transformando-a.

O biólogo andou, dançou e experimentou... *eco-processos*...

Escrevo em tua pele palavras cujo significado não consigo decifrar. É uma escrita que estupra a linguagem e também os sentidos. Sufoco-me ao tentar pronunciá-las por conta do pedaço de carne que preenche parte de minha boca e incha. Mas tu sabes, tu sentes, tu vibras. Cultivas no teu corpo minhas palavras, as quais, não me são mais de direito. Dar-te-ei tudo que tinha de mais precioso, e digo-te: não as perca, cultive-as, alimente-as, até chegar o tempo em que todas essas inscrições na tua pele passarão por uma ecdise, uma muda periódica que tudo que fiz cairá. Aproveite o ócio da mudança e encontre um processo inacessível, uma nova inscrição ainda mais irreal a mim (aos homens), um escarcéu da ditadura da razão.



Uma dança com pés leves: experimentações e-m processos...linhas...rizomas...



Quadro branco... Não existe ninguém dançando aqui. Danço, mas não sou. Ouço mas não sou. Em mim, toca-se uma música cujas letras não se escutam assim como minha voz. Apenas estou num bailado, entre linhas, musgos... que fazem parte do meu corpo... Num corpo... Em um



galho. Numa estante velha na dispensa. Balbucio palavras cujo significado não sei atribuir. Sinto-me escorrendo pelo vazio das águas profundas. É um pensamento explosivo que pouco se enreda pelos regimes das possibilidades já pensadas ou previsíveis. Não quero caber dentro de mim, de ti ou qualquer forma. Descabido como uma dança no palco. Descabido como uma pintura num quadro. Transmuto quase sempre descabido ou quando assim puder descaber. Descaber sem acabar, calar ou parar. Desdobrar as dobras frias, onde as palavras derretem e queimam...

... da poesia sem palavras
... do teatro sem figuras
... das flores sem cores
... dos quadros em branco



Então, o biólogo que dança modifica-se em contato num encontro, arrastando-o por outras criações, reformulando suas intenções e pressupostos, produzindo novos criadores em processo de devir, numa outra *simbiose* que ecoa movimentos outros e se torna diferente²⁷, experimenta cisões, encontros e desconfortos, que colapsam a tríade: criação, criador e contemplador.

O biólogo que dança mais uma vez entra em devir, alia-se, resiste! Torna-se outro. Seria possível pensar em devires que dançam na natureza? A natureza faz devires de todas as formas, ela resiste e constroem outros movimentos, outras dobras... Existem potências nômades na natureza, das quais são possíveis se apropriar ou deixar-se apropriar? Existe movimento nas árvores? As árvores, nômades, que se movem sem

²⁷ Quem sabe esta dissertação realize o mesmo movimento de *eco-processos* e se transforme de acordo com o olhar do leitor, pois nada nele pretende ser fechado e acabado. São aberturas que o leitor pode realizar, brechas que engolem o leitor e o transforma junto com a escrita e as imagens.

sequer sair do lugar performatizam danças com pés leves, ritmadas pelos encontros com o sol, com os ventos que as atravessam, com a chuva, com os animais, com o mundo.



O chão se movimenta e nesse movimento parece produzir também uma espécie de devir-chão. Ora, mas que erro ter dito isto! O chão está associado ao inferior, ao simplório, menos qualificado, inútil, um rejeito na natureza. Não existe um interesse pelo chão, pelos elementos que o compõem, interessam sempre as coisas do céu, do alto. O biólogo que dança, por outro lado, ama mais as coisas do chão do que as coisas do céu estão mais para o sub do que para o sobre, para o menor ao invés do maior. Deseja dançar os chãos da natureza que não havia pisado ou sequer sentido, bailado. Mas nem sempre ele é assim.

Enquanto biólogo apanhador de desperdícios, deviu encontros que agenciaram uma série de afectos e perceptos, desterritorializou o corpo, moveu o olhar, o pensar. Desse encontro surgiram fagulhas que levaram a perceber o chão, o devir dos rejeitos, as coisas aparentemente inúteis.

Ele não quis mais um corpo que se constitui para o isolamento, mas sim como um prolongamento da natureza, portanto, se há como perceber as forças subjetivas que cercam o corpo, não é em si “mesmado”, mas na totalidade que este se apresenta.

Re-compõe-se pelas multiplicidades acionadas e acopladas a ele. O corpo é a própria multiplicidade. É este corpo que se dissolve, transforma-se nos próprios fluxos que os dissolveram. Fluidos do e para a intensidade.



Um biólogo torna(-se) o que?! Um corpo estilhaçado, um corpo-ouriço²⁸ que perfura e é perfurado, que rasga os órgãos e suas funções; uma força que atravessa as mãos, os pés, o intestino, a cabeça, o fígado e perfura o imperativo das identidades coaguladas, embora elas ainda possam se manter..., mas manter não é estar aí. O Ouriço convida a sentir a dança e o acontecimento do corpo em relações improváveis. A figura do ouriço-do-mar atravessado por múltiplos espinhos perfura o pensamento, a dança, a biologia, perfura tudo o que toca.

O biólogo prefere as *junções interespecíficas* às *intraespecíficas*, na primeira há um vulcão que explode em erupção. Inventar corpos que se misturam entre os outros corpos, entre as coisas que ele mesmo cria. Atravessamentos mútuos. Trajetos Labirínticos. Apodreça seu organismo, produza os húmus da sua própria de-composição! Todo corpo tem organismo, mas o corpo não é todo organismo. O corpo possui mais sentidos que o organismo.

Utilize o encontro com a terra e com todos os encontros que ela vai te proporcionar, e brote, brote outra vez. São buracos na terra que esburacam o corpo orgânico funcional até que ele se desabe em outro corpo.

²⁸ O espetáculo de Fernando França denominado *Estilhaços* serviu como inspiração (FRANÇA, 2014).



A tumba se abre e eis que dela surge o inusitado: uma vida. Recobre-se de vida e morte. Vive e morre. Torna-se barro e renasce. O biólogo se converte e diz: *extensão da natureza e a natureza em uma extensão do meu corpo. Este ato em afirmar meus laços com a terra é na realidade uma reativação de crenças primitivas.*²⁹

A terra é valiosa, nela há possibilidade de movimentar múltiplas criações. Lugares que movimentaram biologia podem, também, movimentar arte, movimentar outras coisas. Movimentar consigo pegadas de vida e de morte que foram depositadas na terra ao encenar um corpo que não é identitário artista ou biólogo, escapando do seu ser definido. Promovendo uma dança com e na natureza, fazendo agitar o corpo, o pensamento quando produz com ele uma dança... Essa dança vagueia, faz experimentações com o corpo, com o sentir, tocar, experimentar a natureza, dando visibilidade a sua dança nômade, fazendo a ciência nomadizar-se, assim como o olho, a língua, a palavra, a escrita.

O dançarino não mais busca pelos movimentos ritmados; o filósofo não mais pelo conceito; o pássaro não mais pelo céu azul; o escritor não mais pelas letras; o biólogo não mais pelo laboratório; o músico não mais pelo acorde perfeito. O

²⁹ Ana Mendieta, 1996, p. 20.

movimento busca pelo filósofo; o céu azul pelo escritor; o músico pelo laboratório; o escritor pelo dançarino, não mais o clichê, o fora. As experimentações impulsionam (em) mudanças.

Basta apenas um novo encontro, uma nova cor, um cheiro singular, um acorde des-tonado, um movimento des-ritimado, para tudo se refazer. A música, o canto, as penas, o brilho, as cores desemborcam em proliferações de metamorfoses em *SIMBIOSES...*

Ele viu da terra eclodir numa explosão e se tornar algo jamais visto. Viu a vida se formar diante dos seus olhos, as cores radiantes do pôr do sol em contraste com a vívida presença da natureza. Caminhou por florestas verdes na beira de riachos. E ele se desfazia entra em outros ritmos por meios de sons que vinham de todos os lugares...

O biólogo que dança não é um uno, muito menos um sujeito, talvez ele esteja mais envergado num sistema agenciado de fluxos que se dão numa *simbiose* entre corpo-natureza e as forças, imbuído em processos dançantes... Silêncio... que pensa a partir de experimentações, o biólogo, não em si, mas como estas *simbioses*, para que assim, sejam pensados, também, outras possibilidades de caminhos para sentir e pensar sobre a natureza.



Talvez, por isso não exista arte e nem biologia pronta, ao se mostrarem elas se reen-ventam! Venta, sim, numa corrente de ar qualquer que pouco tem a ver com o pensamento dogmatizado pela ciência moderna, pela arte representativa, ao menos uma vez.

Escapa... (os muros)

Transborda... (os muros)

Vaza... (os muros)

Preenche... (os muros)

Não se quer mais explicar o mundo, apenas vivenciá-lo e, quem sabe, in-ventá-lo (a brecha no muro que cria fronteiras entre os saberes...). Arte que potencializa a criação de mundos imaginários, brincando com a temporalidade e os espaços, pois... Fabula-se, biologia e arte. Por isso, a *art(e)biologia* e a natureza são os bordados num tecido difuso e não existem apenas nas linhas que o homem impõe, mas adentram num conjunto *simbiótico*.

Uma dança viça um dançarino

Um dançarino viça miriápodas, pássaros, palmeiras, morcegos

No chão, nos pés leves

Levou

Levado

Por pássaros dançando

Voou

Para coletar movimentos soltos

Perdidos na casca de uma árvore, lentes de uma câmera ou fibras de celulose de um papel

Escorre

Percorre

Discorre

Frenético como o lagarto

Com seus pés leves

Dançou um dançarino nos **territórios estéticos**

Dança com sabor de guano, com cheiro de lama...

Por quais caminhos entrarei e me perderei? Os inventei.



Um biólogo dança porque é um corpo desordenadamente em movimento. Uma dança que diz respeito ao toque, à epiderme de superfícies em contato com o mundo perdido no mais profundo das sensações: a pele. Captura imagens de sons que pouco tem a ver com uma música ou coreografia. Busca subsídios para um movimento do corpo como gesto criativo, ao mesmo tempo poético e político, porém sempre de outra maneira.



Salve um biólogo que voou. Que voe que voem. Ventando leves e alegres encontros. Os movimentos voam e voaram junto ao biólogo que dança. Saltitou, carregou, plainou, mas a gravidade chega, aliás, faz parte do voo. Voou, mas não permaneceu voando, dançou, mas não permaneceu dançando, movimentou-se, mas não permaneceu em movimento. Catando os movimentos revoltos, escutando o silêncio das vozes, é que o biólogo que dança pisou na lama para pintar Novas Terras.

Conquanto, a lama nutrida pelos movimentos leves das águas do mar gera abrigos chamados de ninhos, que são coleções de habitações e acolhimentos... Não se pense que os ninhos, os quais estão sendo fabulados em cada experimentação na e fora desta dissertação, foram tracejados apenas de pêlos, pedaços de caldas, escamas, folhas, gravetos, penugens, isto é, elementos que disponham ao aconchego. Ademais, entremado a ele e compondo-o como ninhos estavam os espinhos, pedras..., que violentaram o corpo do biólogo para que dançasse por diferentes habitações, voasse movimentando-se, outrando o processo já experienciado.

Uma nuvem invadiu o biólogo que dança um mar-manto que veio com a maré poemar bailados. Quilômetros de um branco-transparente de fibras d'água traziam outros nutrientes para o biólogo que, até então, estava embebido demais com seus estudos. A pesquisa dançou nesse lamaçal p(r)ovo(c)ado pelo encontro do mar e da terra; nem mar nem terra; eram lamaçais associados às margens, entre dois lugares, conjugando o verbo outrar; outro lugar.

Dizia-se: “a música nesse entre terra e mar não é música de se dançar”. Lorota. Muitos ali viram a música e tocaram na dança. Escutaram danças e movimentaram músicas, pois não se sabe o que vem primeiro. Aliás, como dissociar música de dança? Principalmente aquelas que acontecem no silêncio e movimentam o pensamento.

Instrumentos sonoros ecoaram ao serem acoplados ao corpo do biólogo que dança e produziu músicas que, até então, misturaram-se a ruídos, se transformaram em berros, sons em bramidos, ganidos em zoadas; e tudo isso se transformou em vozes...

O escutar para que?

- para escutar o canto dos pássaros?!

- para escutar os gases do vento?!

- para escutar o riso das formigas?!
- para escutar os passos das aranhas?
- para...
- para...
- para...

Um biólogo alarga os tímpanos para ouvir os ruídos potentes que na natureza habitam; num processo em que o escutar não se confina no que se escuta. O escutar na natureza é um criador de danças... E lá vai ele, criando tudo da sua maneira... Escutar, entretanto, não significa ter apenas ouvidos, significa ESCUTAR alargando os tímpanos para outros sentidos. Um escutar pouco orgânico que não quer ouvir ou descobrir melodias quer escutar os mistérios, os mundos que nascem nas e das dobras da natureza. São múltiplas escutas:

- Biologia
- Arte
- Art(e)biologia

O escutar...

				Conserva
	Percorre			
Inventa			Brota	
		Resiste		Morre
	Perde		E	Sorri
		Olha		
	Cresce		Pede	
Entre				
				Fala
Sente		Transfigura		

Seduz

... por caminhos móveis inconformado com os sentidos já sentidos.

Dobras...

Ruídos...

Camadas...



Ruídos da natureza como acontecimento! Sobreposições

Ruídos que podemos tocar, mas não com as mãos

Multiplicidades que habitam toda uma atmosfera de forças e intensidades

Espelho d'água

Reflexo dos olhos na água

Um mundo nos espelhos da água

Um mundo nos olhos da água

Silenciar para ouvir o silêncio das gotas da cachoeira

São polifonias na natureza

Crônicas de um biólogo que desacostumou o ouvido

Ouviu por outros sentidos

Arrancou a cabeça

Pôs tinta no pensamento

Pelas florestas, cavernas e cachoeiras que ele andou escutando os ruídos, deparou-se com o Xamã Yanomami David Kopenawa, que disse:

*“A floresta está viva, e é daí que vem sua beleza. Ela aparece sempre nova e úmida, não é? Se não fosse assim, suas árvores não seriam cobertas de folhas. Não poderiam mais crescer, nem dar aos humanos e aos animais da caça os frutos de que se alimentam. Nada poderia nascer em nossas roças. Não haveria nenhuma umidade na terra, tudo ficaria seco, e murcho, pois a água também está viva. É a verdade. Se a floresta estivesse morta nós também estaríamos tanto quanto ela! Ao contrário, está bem viva. Os brancos talvez não ouçam seus lamentos, mas ela sente dor, como os humanos. Suas grandes árvores gemem quando caem e ela chora de sofrimento quando é queimada. Ela só morre quando todas as suas árvores são derrubadas e queimadas. Então restam dela apenas os troncos calcinados, desmoronados sobre uma terra ressecada. Não cresce mais nada ali, a não ser um pouco de capim.”*³⁰

As palavras do Xamã não arrancaram o seu fôlego, pelo contrário, lhe deram ar para respirar e ouvir os desperdícios da floresta, o menor, o ínfimo. E num tom de “brevemente nos veremos”, com os olhos fundos e a pele pintada de vermelho sangue sussurrou:

*Acho que vocês deveriam sonhar a terra, pois ela tem coração e respira.*³¹

³⁰ Fragmento retirado do livro *A queda do céu: palavras de um yanomami* de David Kopenawa e Bruce Albert.

³¹ Fragmento retirado do livro *A queda do céu: palavras de um yanomami* de David Kopenawa e Bruce Albert.

Aquele Xamã Yanomami transfigurou aquele biólogo, que não era uno, mas um conjunto: biólogo (e o que mais?). Fez sentir e perceber a queda do céu³² a partir da dança. O biólogo sente esse suspirar da terra, sente no seu corpo, sente que lateja quando a terra respira... Algo caiu, caiu mesmo, e o biólogo sente que essa queda atritou, disparou horrores, mas também possibilidades de emergir outras vidas. E mesmo que este céu caia que estejamos dançando, a dança pede um sonho com a terra e com outras terras ainda possíveis. Quando as forças se findarem e o peso do céu estiverem insuportáveis não sinta, não pare, não chore! Experimente dançar! Dance enquanto o céu cai, aproveite e vislumbre as estrelas, chame-as para dançar durante a queda, afinal não se sabe o que acontecerá. Esta é a hora de ver o céu mais de perto, senti-lo no corpo. Diante disso, não se sabe se tudo virará poeira cósmica. E se virar, disperse-se na poeira, torne-se molecular e ajude a compor novos céus.

³² Espetáculo de dança *Para que o céu não caia*. Criação e direção: Lia Rodrigues.

EXPERIMENTAÇÕES

ART(E)BIOLOGIA

A NATUREZA (NÃO) É...

A natureza (não) é...

A natureza (não) é ciência. A natureza (não) é cheiro. A natureza (não) é arte. A natureza (não) é uso. A natureza (não) é tragédia. A natureza (não) é múltipla. A natureza (não) é dinheiro. A natureza (não) é invenção. A natureza (não) é sonho. A natureza (não) é carros. A natureza (não) é índio. A natureza (não) é chuva. A natureza (não) é Amazônia. A natureza (não) é mato. A natureza (não) é cobiça. A natureza (não) é experimentação. A natureza (não) é azul. A natureza (não) é mídia. A natureza (não) é papel. A natureza (não) é celeiro. A natureza (não) é gosto. A natureza (não) é ser. A natureza (não) é papel. A natureza (não) é energia. A natureza (não) é solidão. A natureza (não) é rio. A natureza (não) é riso. A natureza (não) é cabelo. A natureza (não) é luz. A natureza (não) é shoppings. A natureza (não) é morte. A natureza (não) é carne. A natureza (não) é ribeirinha. A natureza (não) é negra. A natureza (não) é rede. A natureza (não) é olhares. A natureza (não) é morte. A natureza (não) é vida. A natureza (não) é lixo. A natureza (não) é insetos. A natureza (não) é ouro. A natureza (não) é prata. A natureza (não) é território. A natureza (não) é gargalhada. A natureza

(não) é brilho. A natureza (não) é corridas. A natureza (não) é sexo. A natureza (não) é audição. A natureza (não) é cachoeira. A natureza (não) é código. A natureza (não) é nós. A natureza (não) é pororoca. A natureza (não) é comida. A natureza (não) é vestimenta. A natureza (não) é nomes. A natureza (não) é classificações. A natureza (não) é atraso. A natureza (não) é progresso. A natureza (não) é inter-nacional. A natureza (não) é um churrasco. A natureza (não) é uma saia. A natureza (não) é fotos. A natureza (não) é pedras. A natureza (não) é fogo. A natureza (não) é dourada. A natureza (não) é deus. A natureza (não) é árvores. A natureza (não) é larvas. A natureza (não) é molécula. A natureza (não) é um toque. A natureza (não) é loucura. A natureza (não) é seios. A natureza (não) é linhas. A natureza (não) é cabelos. A natureza (não) é flores. A natureza (não) é sol. A natureza (não) é miriápode. A natureza (não) é goana. A natureza (não) é riqueza. A natureza (não) é cortes. A natureza (não) é lucro. A natureza (não) é pesquisa. A natureza (não) é pororoca. A natureza (não) é comida. A natureza (não) é vestimenta. A natureza (não) é nomes. A natureza (não) é classificações. A natureza (não) é atraso. A natureza (não) é progresso. A natureza (não) é inter-nacional. A natureza (não) é um churrasco. A natureza (não) é uma saia. A natureza (não) é fotos. A natureza (não) é pedras. A

natureza (não) é fogo. A natureza (não) é El-dorado. A natureza (não) é deus. A natureza (não) é árvores. A natureza (não) é larvas. A natureza (não) é molécula. A natureza (não) é um toque. A natureza (não) é loucura. A natureza (não) é seios. A natureza (não) é linhas. A natureza (não) é cabelos. A natureza (não) é flores. A natureza (não) é sol. A natureza (não) é miriápodas. A natureza (não) é guana. A natureza (não) é riqueza. A natureza (não) é cortes. A natureza (não) é lucro. A natureza (não) é pesquisa. A natureza (não) é pororoca. A natureza (não) é comida. A natureza (não) é vestimenta. A natureza (não) é nomes. A natureza (não) é classificações. A natureza (não) é atraso. A natureza (não) é progresso. A natureza (não) é inter-nacional. A natureza (não) é um churrasco. A natureza (não) é uma saia. A natureza (não) é fotos. A natureza (não) é pedras. A natureza (não) é fogo. A natureza (não) é El-dorado. A natureza (não) é deus. A natureza (não) é árvores. A natureza (não) é larvas. A natureza (não) é molécula. A natureza (não) é um toque. A natureza (não) é loucura. A natureza (não) é seios. A natureza (não) é linhas. A natureza (não) é cabelos. A natureza (não) é flores. A natureza (não) é sol. A natureza (não) é miriápodas. A natureza (não) é guana. A natureza (não) é riqueza. A natureza (não) é cortes. A natureza (não) é lucro. A natureza (não) é pesquisa. A natureza (não)

é sacola. A natureza (não) é celular. A natureza (não) é livros. A natureza (não) é sabores. A natureza (não) é nature. A natureza (não) é animal planet. A natureza (não) é elementos. A natureza (não) é céu. A natureza (não) é sua. A natureza (não) é formação. A natureza (não) é trilhas. A natureza (não) é coisa. A natureza (não) é internet. A natureza (não) é de colorir. A natureza (não) é humor. A natureza (não) é ética. A natureza (não) é cosméticos. A natureza (não) é som. A natureza (não) é superior. A natureza (não) é digital. A natureza (não) é real. A natureza (não) é bicicleta. A natureza (não) é ensaio. A natureza (não) é A natureza (não) é filosofia. A natureza (não) é Belo Monte. A natureza (não) é leitura. A natureza (não) é explicação. A natureza (não) é expedição. A natureza (não) é biologia. A natureza (não) é ensino. A natureza (não) é Manoel de Barros. A natureza (não) é maravilha. A natureza (não) é dança. A natureza (não) é morada. A natureza (não) é palavra. A natureza (não) é números. A natureza (não) é artesanato. A natureza (não) é um voo. A natureza (não) é um grito. A natureza (não) é beleza. A natureza (não) é selvagem. A natureza (não) é trabalho. A natureza (não) é poema. A natureza (não) é liberdade. A natureza (não) é desenho. A natureza (não) é música. A natureza (não) é concreto. A natureza (não) é imaginação. A natureza (não) é cruzamentos. A natureza (não) é círculos. A natureza

(não) é equilíbrios. A natureza (não) é interação. A natureza (não) é dança. A natureza (não) é exploração. A natureza (não) é turismo. A natureza (não) é arquivos. A natureza (não) é religião. A natureza (não) é um caminho. A natureza (não) é moda. A natureza (não) é conforto. A natureza (não) é ar. A natureza (não) é títulos. A natureza (não) é aqui. A natureza (não) é mosca. A natureza (não) é material. A natureza (não) é sideral. A natureza (não) é consciência. A natureza (não) é nascimento. A natureza (não) é homem. A natureza (não) é diversidade. A natureza (não) é selvagem. A natureza (não) é surgimento. A natureza (não) é essencial. A natureza (não) é biosfera. A natureza (não) é existência. A natureza (não) é declínio. A natureza (não) é água. A natureza (não) é rachaduras. A natureza (não) é morrer. A natureza (não) é aquecimento. A natureza (não) é objeto. A natureza (não) é tranquilidade. A natureza (não) é definições. A natureza (não) é geografia. A natureza (não) é cuidado. A natureza (não) é produção. A natureza (não) é seleção. A natureza (não) é ecossistema. A natureza (não) é amizade. A natureza (não) é encontros. A natureza (não) é desenvolvimento. A natureza (não) é tabuleiro. A natureza (não) é tartaruga. A natureza (não) é sangue. A natureza (não) é luta. A natureza (não) é imagem. A natureza (não) é ação. A natureza (não) é refúgio. A natureza (não) é troca. A natureza

(não) é fazenda. A natureza (não) é inspiração. A natureza (não) é grafite. A natureza (não) é sentido. A natureza (não) é beleza. A natureza (não) é passeios. A natureza (não) é bunda. A natureza (não) é vento. A natureza (não) é palmeiras. A natureza (não) é tijolos. A natureza (não) é forte. A natureza (não) é devastadora. A natureza (não) é devastada. A natureza (não) é uma música. A natureza (não) é imersão. A natureza (não) é brincadeira. A natureza (não) é felicidade. A natureza (não) é filme. A natureza (não) é vivência. A natureza (não) é instinto. A natureza (não) é reiki. A natureza (não) é revolução. A natureza (não) é loira. A natureza (não) é afago. A natureza (não) é festa. A natureza (não) é preparação. A natureza (não) é desenho. A natureza (não) é sexualidade. A natureza (não) é infância. A natureza (não) é docência. A natureza (não) é leitura. A natureza (não) é A natureza (não) é futuro. A natureza (não) é necessidade. A natureza (não) é impossível. A natureza (não) é chata. A natureza (não) é conceito. A natureza (não) é teoria. A natureza (não) é dois. A natureza (não) é violência. A natureza (não) é formação. A natureza (não) é educação em ciências. A natureza (não) é relações. A natureza (não) é formiga. A natureza (não) é UFPA. A natureza (não) é fortalecimento. A natureza (não) é vitalização. A natureza (não) é fumaça. A natureza (não) é sol. A natureza (não) é força. A natureza (não) é

coisa. A natureza (não) é tempo. A natureza (não) é suspiros. A natureza (não) é um milhão. A natureza (não) é gente. A natureza (não) é bicho. A natureza (não) é habitação. A natureza (não) é nada. A natureza (não) é atravessamento. A natureza (não) é criação. A natureza (não) é ideia. A natureza (não) é correr. A natureza (não) é prática. A natureza (não) é Monteiro Lobato. A natureza (não) é encantamentos. A natureza (não) é cascas. A natureza (não) é sapos. A natureza (não) é levantamento. A natureza (não) é observações. A natureza (não) é natural. A natureza (não) é viva. A natureza (não) é organismo. A natureza (não) é rizoma. A natureza (não) é fauna. A natureza (não) é vazio. A natureza (não) é tudo. A natureza (não) é...

O que ela “é”? O que ela pode? Cabe ainda perguntar? A natureza (não) é...

Entre Cavernas, Cachoeiras e *Art(e)biologias*

Os locais são preparados, os elementos já estão dispostos: areia, água, lama, barro, morcegos, pedras... Começaram as escavações, não apenas nas matérias supracitadas, em buracos no próprio corpo que se misturam com tantos elementos. O biólogo experimenta em si e a partir de si, pois...

“a experimentação sobre si mesmo é nossa única identidade,
nossa única chance para todas as combinações que nos
habitam”³³...

perfurações que movimentam pensamentos e, quem sabe, possíveis rompimentos. Contaminou com seus processos inventivos, os quais, mesmo tendo possíveis definições, não conseguiram dizer o que sejam.

Perambula por naturezas em ficções... explosões! Cria naturezas que se compõem com/em outras cores, brilhos intensos. Pensa outra natureza.

O que existe no chão para além do que eu vejo?

Construir através de processos

Pedir ajuda aos colegas

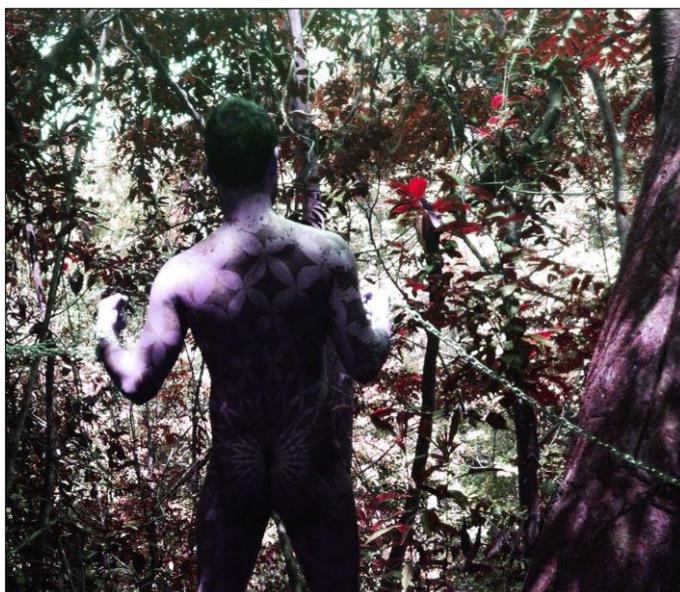
Construção coletiva

Por que com o pé?

Histórias com o pé

É pelos pés que caminhamos, conhecemos locais...

Mundos que jamais foram pisados.



³³ Deleuze e Parnet, 1998, p. 10.

Um biólogo fende a leve membrana que separa o sujeito e o objeto fazendo vaziar coisas, entidades, seres inumanos e humanos, cuja característica é de afetar e também afetar-se. Nem arte nem biologia, nem artista, nem biólogo, nem objeto, nem sujeito, nem real, nem irreal; “coisas” amórficas que se movem por tudo isso e tantas outras que não arrisco em palavras mencionar ou mensurar. A que tudo isso se adequa? E quanto as suas ressonâncias, há impactos? Que códigos os regem? Quais? Quais “coisas” estão em nós? (e nesta pesquisa?). Nas relações *art(e)biologia*, que naturezas podem ser multiplicadas e inventadas?

As coisas os filhos das coisas, os de ninguém
 As coisas: os nenhuns desperdiçados, morrendo soltos
 Que não são, embora sejam, estão, fazem...
 Criam novos sentidos aos verbos; criam novos verbos:
 Desperdiçar
 Esgotar
 MuDANÇAR
 Esticam os horizontes até rompê-los
 A cada passo um muDANÇAR no esgotar
 Na imanência dos desperdícios surgem:
 As coisas os filhos das coisas, os de ninguém
 As coisas: os nenhuns desperdiçados, morrendo soltos...

Essas “coisas”, aliás, algumas delas, sempre estão por fazer, ou seja, nunca entram num enviesado desfecho, isso se estiver pensando esse desfecho ao datar um determinante fim que, se polarizarmos, entrará novamente em um maniqueísmo. O que temos são processos e se neles temos qualquer tipo de término, este é quase nada determinístico, soando melhor ao som das transformações moventes que nele traçam multiversos destroçando a si e às outras “coisas”.

Ao juntar alguns destroços, pode-se infimamente aparecer certos códigos, os quais, a partir de algum parâmetro, dentre tantos que temos, definem com precisão o que são essas “coisas”. Haveria mestria para tanto? Nesse momento, as destrezas inteligíveis esvaecem qualquer sobreposição de si, de mim, do eu. Camadas e mais camadas, linhas e mais linhas, retalhos e mais retalhos. O *processo* é sempre uma

multiplicidade que não se potencializa em uma única fonte, é a possibilidade de criar coisas, seres, e é isso que o Biólogo faz.



*Nenhuma criação existe sem experiência*³⁴

Se biologia e arte criam, há muita experiência, aquela que perturba o pensamento, vivenciam encontros que corroboram numa criação, pois *um criador não é um ser que trabalha pelo prazer. Um criador só faz aquilo de que tem absoluta necessidade*³⁵

Portanto, o biólogo re-existe em buscar inventar movimentos com a terra, bem como com a natureza e o seu corpo. Ora, assim como os Yanomami que não aprenderam *a pensar as coisas da floresta fixando os olhos em peles de papel*³⁶, o biólogo fixou o corpo e experienciou. São experiências que tencionam, principalmente,

³⁴ Deleuze e Guattari, 2013, p. 114.

³⁵ Deleuze, 1999, p. 15.

³⁶ Kopenawa e Albert, 2015, p.75.

a transformação que nunca pode ser tomada como término ou, ainda, como um produto acabado, pelo contrário, a experiência sempre se movimenta numa viagem³⁷.

O biólogo, então, entra em uma embarcação e nela não se está sozinho. Uma embarcação que é força-lugar-tempo-sonhos, que se funde ao corpo tornando-se sei lá o que, uma “coisa”. Lançar-se em uma experimentação ao mar na busca de uma ilha ao longe. Por estar sem bússolas ou mapas, o medo também é tripulante, mas com ele, navegando ir-se-á ao encontro de im-possíveis ilhas, tempestades, monstros, sereias... sem ancorar-se em nada para ficar manso, lento, quiçá, levou um pedaço de cada encontro seguindo mil trajetos como possibilidade de vagar perdido no infinito, à deriva.

Como na peça *O Marinheiro*, de Fernando Pessoa, ou *O Conto da Ilha Desconhecida*, de José Saramago, são as experimentações que compõem a viagem e o biólogo. Para experimentar³⁸, ele habita as sensações que fluirão do próprio ato de experimentar, tornando-as, agenciando-as. É no agenciar que se perde e estranha os limites postos, pois é nele que as coletividades heterogêneas se instauram, não se reconhece mais as fronteiras entre o corpo, o inumano, o canto da Iara, e a dança dos



³⁷ “Experiência, *empería*, é uma palavra que em grego, como em latim, vive da raiz *per*. Nas línguas germânicas existe igualmente *per* em forma de *fahr*. Por isso, *piparti* (fazer passar, salvar) e *peráyti* (fazer atravessar). Assim, experiência (*Erfahrung*) é uma viagem” (FOGEL, 2003, p. 47-48).

³⁸ Brito (2011) diz que é na experimentação que se é afetado por movimentos intensos e forças que instigam um corpo nômade.

pássaros, apenas agencia-se.

Nessa experimentação que nasce o *biólogo-cartógrafo*, aquele que compõe linhas de mapas móveis em constantes aberturas. Portanto, ele nunca é um mero observador que busca representar uma ideia real, aliás, a cartografia se confunde com o trajeto e os afectos emergidos no processo.

O biólogo misturado com/na natureza, o que ele pode compor?

É outra coisa, outro lugar...

O corpo experimentando a natureza já não é mais um organismo, ele devém outras coisas...

Ele compõe outras imagens...

A natureza compõe outras coisas...



Desmontar o que há de múltiplo, nesse composto agenciado, corrobora criações. Portanto, criar é agenciar, experimentar com e no corpo, até que este corpo não seja mais ele, apenas efeito de um agenciamento inventivo. São essas e muitas outras questões que atravessam, perfuram, quando se quer pesquisar experimentando.

Experimentar violenta o pensamento, que coexiste com dimensões heterogêneas (*art(e)biologia*). Sentir o lugar, desnaturalizar a natureza, produzir os acontecimentos proporcionados pelos encontros! O Biólogo dança com a natureza, com a terra... A

natureza se reinventa quando ele se reinventa. Nada foi arranjado e, se foi, no trajeto perdeu total controle, principalmente de si! Mastigou artes, biológicas, nuvens, árvores, animais, artrópodes, folhas... Nem sabia mais quem era, SE ERA. Ele era um ser de procura, sim, não queria achar, mas ir tocando com seus pés dançantes vibrações com essa natureza. Ali, ele via vidas por todos os lados e suas relações emaranhadas com outras vidas, inclusive com a sua.

De-compõe-se vidas outras, pois na natureza a morte nunca é um fim substancial. Ela pode ser o começo para uma vida nova. Vidas que surgem da morte! Vidas que são conectadas à morte!



Os fungos entendem bem essa relação. Para eles um corpo-árvore, corpo-animal, corpo-pau, corpo-folha... não é só um corpo estranho lançado na natureza. É a possibilidade de constituir vidas-outras que surgem dos rejeitos e passam a de-compor aquela materialidade! Alimentar-se com (n)(d)ela, uma saprofagia da vida.

O biólogo parece estabelecer uma relação com o mundo semelhante à dos fungos com os rejeitos. Não mais uma saprofagia, mas uma antropofagia. Ele se deixa atravessar aberto pelos outros, engole os restos, mastiga folhas, veste terra... Bagunça a

casa que outrora deveria estar arrumada, justaposta. Cria a casa que costumeiramente é sempre construída sobre os mesmos tijolos. Encontra novas interações. Engole e produz afectos³⁹. Devora toda a identidade de biólogo e de artista transformando seu corpo numa coisa que não está em nenhuma das extremidades, não é o mesmo e não se parece com nenhum modelo identitário. É algo efêmero que se transformou e se transforma nas experimentações com e na natureza.

Com isso, o biólogo faz da natureza o seu laboratório aberto e com ela compõe uma *art(e)biologia* pelas menoridades, dando visibilidade a uma biologia nômade que pode se compor com... essa ciência do biólogo cartógrafo, que ele chama de ciência menor, ciência nômade. Nada tem de ligação com as linhas estatais, ele nomeou dessa maneira não com a intenção de representar, mas de pontuar que é possível experimentar sem objetivar, neutralizar, formatar, categorizar, embora, essas questões tenham sua importância no curso de outras narratividades.

Ele é predador, devorador dos universos. Comedor de naturezas... Alimenta-se do outro: das suas memórias, dos seus encontros, das suas artes, das suas vidas. Cada elemento-coisa carrega em si uma multidão. *Biólogo-cartógrafo-antropofágico-*



³⁹ “E de toda a arte é preciso dizer: o artista é mostrador de afectos, inventor de afectos, criador de afectos, em relação como os perceptos ou as visões que nos dá. Não é somente em sua obra que ele os cria, ele os dá para nós e nos faz transformarmos com eles, ele nos apanha no composto.” (DELEUZE; GUATTARI, 2013 p. 207).

dançarino-artista.

Assim como os Caeté, Yanomami e Tupinambá, o biólogo também é devorador, todavia, de naturezas. O que nem todos sabem é que no processo de fagocitar⁴⁰ naturezas, o Biólogo é fagocitado por elas e pelos seres que as compõem. Os pseudópodos, ora pés, ora bocas devoram o outro, no entanto, não é qualquer outro que é devorado por essa figura ameboide, eles são escolhidos para que de alguma forma potencializem o corpo devorador. Nem tudo é aproveitado, algumas partes do devorado podem ser rejeitadas. Não é apenas seu formato que não é definido, após aglutinar o outro, esse ser se torna outro, se torna híbrido. Fissura o corpo não para ocasionar a morte orgânica, outro tipo; a morte do corpo velho que, ao romper a membrana, possibilita se recriar e tornar-se outro, múltiplo, num processo antropofágico que suscita sensações desarmônicas, certos incômodos demoníacos podem ocorrer incitando a doença no e ao corpo. São pequenos seres, mas isso não significa que são desinteressantes, pelo contrário... Ao ser fagocitado por essa figura ameboide o biólogo já não é mais ele, é outra coisa, um novo híbrido, que se adapta a quaisquer lugares, podendo transformar a água, a terra, a lava, o interior escuro de uma caverna no seu território, mas não para sempre.

Imagens que podem mostrar essas hibridizações que talvez a aparente forma humana a esconda. Ora, mas a forma humana esconde tantas transfigurações que pode habitar um corpo... O corpo do biólogo já decompôs outro... entre humano e animal e natureza.



O que nos força a pensar essa imagem antropofágica neste texto? Sem dúvida seria o mal-estar que nos envolvem, as formas de combinações arcaicas. Parece que estamos fora do lugar. As imagens parecem desfocadas, os estados sensíveis que nos invadem são paralisantes, desconfortáveis, já não dizem muita coisa. Alguma coisa estranha atravessa o corpo daquele envolvido por essas forças minguentes que vêm do fora. Algo entra no campo da inquietação, do insuportável que nos arrasta para outros lugares, outras imagens e pensamentos. Alucinar o absoluto! Maquinar o desejo! Maquinar produções. Pensar por vias de uma *art(e)biologia* antropofágica não advém modelar. A antropofagia é desejo, produção, mistura. Uma crítica à imposição colonialista de uma educação europeia, ritualizada pelos bons costumes, pelo bom uso da razão.

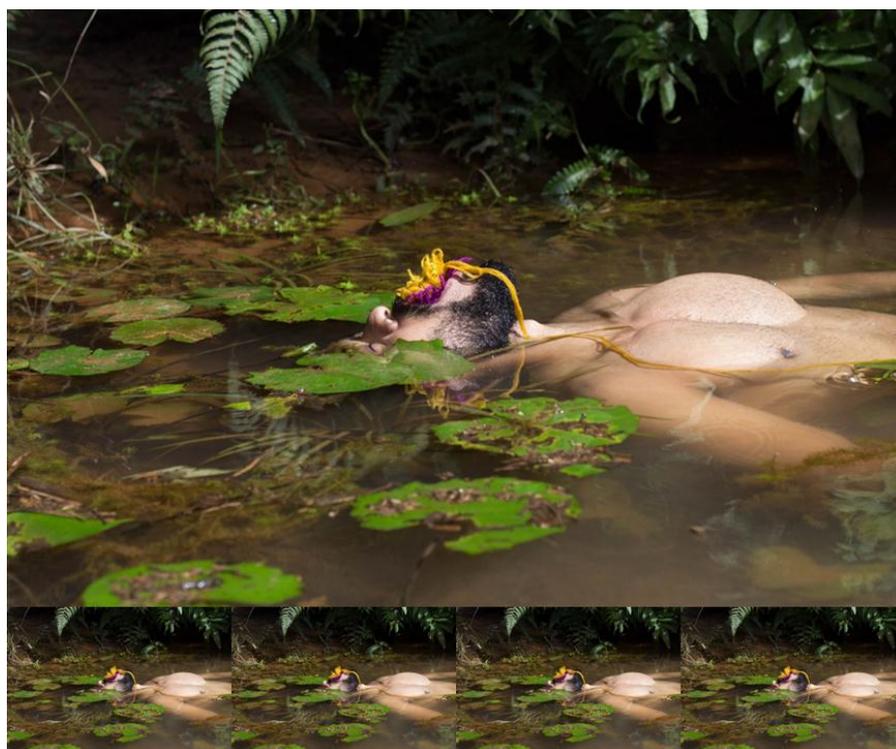
Antropofagia por vias dessa imagem causa a desordem no sistema e, também, abre conexões onde o biólogo, o artista, os seres se devoram e são devorados e, nesse movimento, transformam-se em outra coisa, arrastam e são arrastados por um devir-animal, embora nem sempre efetivamente visível pelas imagens, não sendo nem regresso e nem evolução, mas um meio. O biólogo é arrastado para fora do sistema de representação para tornar-se apenas um signo, um corpo afetado pelos encontros e suas misturas.

O que pode um biólogo-antropófago? Faz uma devoração crítica de uma cultura eurocêntrica, pautada pela moral dos bons costumes e opera por uma maquinaria que desarranja os códigos. Exus, índios, crioulos, mulatos, mamelucos, negros, dançam e fazem rodopiar a gramática oficial, a língua oficial, a biologia dos civilizados, a arte absoluta... A mestiçagem samba e canta com o tropicalismo, coloca a máscara do Dioniso de José Celso, com seu teatro-oficina, a arte de Tarcila do Amaral cria cores da brasilidade, a poesia de Oswald de Andrade inventa asas. O cinema inventa um povo... A literatura brasileira cria linguagem.

O Brasil abre a boca, devora, penetra, come, e faz um banquete do desejo e produzem sons, vozes, ruídos, maquina desejo, produções, inventividades... A pureza civilizatória, o humanismo europeu, a educação da boa razão vai sendo comida, devorada pelos canibais mestiços com alma de Macunaíma. Subverter, rir, gargalhar, gritos outros, vozes outras. Abram os rios, os barcos querem passar. A floresta grita, os ribeirinhos fazem a festa, inventam palavras, fazem gramáticas... A arte e a biologia são carnavalescas minha gente! E agora podemos rir? E agora podemos inventar uma jovialidade... Produzir um corpo dançante?

Essa imagem antropofágica pensa em um corpo risonho, devorador, comedor... Habita um corpo que dobra, desdobra, que faz plasticidade, torna-se outro, cruel, infame... Dança antropofágica, que mistura o corpo nas matas, danças com os curupiras, mães d'água, canta como as araras, vira boto, produz filhos monstruosos, deformados em peixe-humanos... Come açaí sem açúcar, mastiga ervas, faz remédios com as raízes das florestas... Inventa dança, traça uma arte antropofágica...

A erva daninha matou? Quem ela matou! Macunaíma acabou de rir e foi dormir... tornou-se biólogo.

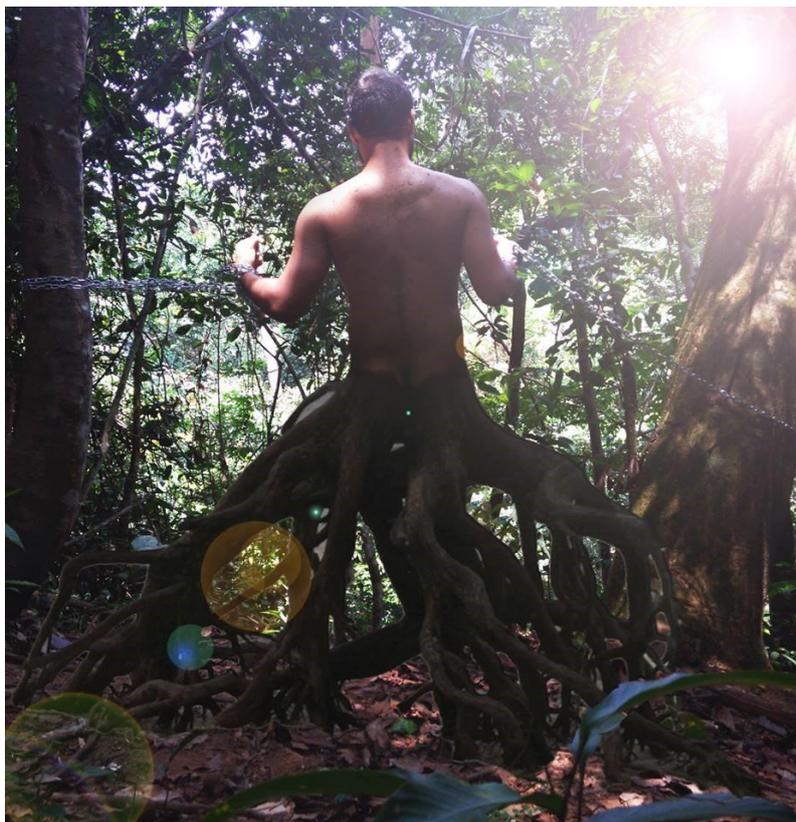


Ora, quando o biólogo pinta uma formiga ele entende o conjunto que a compõe. Arranca seus olhos de humano para que enxergue os afectos de uma formiga, seus encontros e, também, suas criações. Experimenta olhar como uma formiga, percebe como uma formiga, sente como uma formiga, assim, talvez, ele consiga pintar mais do que uma formiga morta e solitária, só aí consiga destrinchar em cores quase tudo que a compõe.

Uma pequena poça de água se torna um oceano, o que era um simples graveto se torna uma casa, o que era uma gota se transforma numa esmagadora ponte para a morte. Adeus olhos de homem, adeus olhos de formiga. A pele é penetrada e o biólogo mais uma vez se deforma, se transforma em um ser mutante que jamais saberá o que é.

Mas afinal, o que produz a necessidade do biólogo experimentar a formiga? A criação, que é solicitada a partir de formigações geradas pela experimentação. Não se deseja algo já dado, pelo contrário, busca-se pelos devires, pois o biólogo os produz. Talvez, os devires sejam apenas transformações potencializadoras do agenciamento, isto é, não é um produto da criação, apenas acontece. Os devires estão presentes e fazem parte do caótico lugar de experimentações. Silêncio! Talvez o biólogo não se lembre, mas quando criança passava horas observando a imensidão do pequeno mundo das formigas em um pequeno buraco no seu quintal.

Ele deviu pedras, buracos, ventos, ruídos... É um apanhador que toma a natureza pelas mãos, pega a água pelos dentes, preza as formigas, os insetos... Sente os barulhos dos pingos da chuva... Natureza!? A natureza, para ele, é sentida por outra forma (qual?!). Árvore, flor, frutos... tudo isso deixa de ser para se tornar outra coisa junto ao corpo que se decompõe com... O biólogo se transfigura, entra em um devir.



O biólogo-artista-cartógrafo teria encontrado/produzido devir animal?

Não arrisco em responder, mas sei que durante suas experimentações ele escutou alguns risos, ele não sabia de onde vinha e de quem era, na verdade, não sabia nem o que era. Parecia, talvez, com a risada de uma Hiena...

Cômico? Instintivo? Irritante? O riso da Hiena nada tem a ver com bom humor, trata-se mais de um estranho humor e não se sabe ao certo por que ela produz tais sons. A Hiena quer viver em bando num território extremamente selvagem, não tente prendê-la, ela jamais aceitaria tais domesticações, pelo contrário, é agressiva e resiste com unhas e dentes também na alimentação, comendo desde fezes à carne fresca. De longe, dificilmente conseguiria diferenciá-la: hiena-macho, hiena-fêmea? Prefere não arriscar o palpite. O que ele sabe: é o macho quem domina as fêmeas, lorota. A Hiena jamais se deixaria conduzir por qualquer risada ou, ainda, por risada alguma.

Os sorrisos da Hiena, bem como a própria Hiena, fazem parte de um devir animal, que sempre está no coletivo, é o coletivo. São animais arbitrários, à espreita, buscando apenas um momento para compor linhas de fuga. Não é ser um animal, mas tomar para si características animalistas, tornar-se, movimentar-se entre velocidades e lentidões. Não é ser um cachorro educado a partir de um adestramento e que, na sociedade, é membro de uma família constituída pelo pai, mãe e os filhos como uma réplica humana que é estilizada nos moldes. Por isso, esses bichos-gente embutidos na ciência, na escola, na sociedade, sempre quiseram subsumir tudo que tem de animalesco. Mas, na escola, por exemplo, há tantos devires animais...

A escola, a partir dos trâmites oficiais deseja encaixotar esse animais-alunos que cantam, dançam, gritam... Monstros sorridentes que gargalham ruídos selvagens, tornam-se bestiais, tornam-se Hiena e sorriem balbuciando, em bando, no coletivo, agenciando e fissurando tudo que é molar, pois, afinal, eles mijam, gozam, cagam, fedem, fodem como animais, aliás, são animais.

Sorrisos que estranham o que está posto. Quanta potência há nisso, nesta frase, que ainda acrescentaria a terminação “im” pois muitas vezes é im-posto. Mas estranhar não é o suficiente, nunca foi. O importante, talvez, seria “inventar novas forças ou novas armas”⁴¹ que diminuem os medos e proliferam sorrisos bestiais de alegria.

Sorrir, mas não permanecer no riso

Tornar-se animal, mas não permanecer animal

⁴¹ Deleuze e Parnet, 1998, p. 5.



E assim diz o biólogo: vou entre os afectos... restos

Vou por não desejar ser

Usando restos

Resquícios

De barriga no chão, de vento pelo corpo, de águas escorrendo de folhas jogadas

Vou andando pegando seres desimportantes

Catalogo do meu jeito, invento algo mais que biológico e mais que artístico

“Coisas” que nem sei o que são

Apanhando desperdícios, como bem sugere Manoel de Barros

Sim, transformo-me um apanhador de desperdícios

De seres im-possíveis... e o laboratório abre as paredes...

A partir da natureza esses tornaram Encostavam-se natureza para tornavam Ou seres natureza. Assim, sonhavam eles Sapos eles com o chão. ficava sem (...) (Manoel de guardador de

Superenlace - *Bionalea*
Super-reinada - *Bio*
Reinada - *Multikaryota*
Desfilo - *Archomata*
Inclasse - *Derramida*
Desordem - *Rizomes*
Senfamília - *Entrelaceae*
Desgênero - *Experinchia*
Monstro - *E. Entreins*

-Nicho ecológico: **Desver os seres**

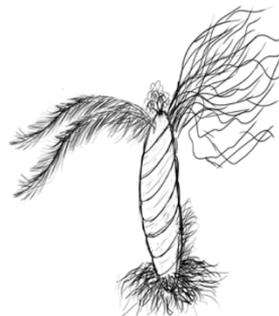
-Habitat: **Natureza Monstruosa**

-Funções: **Buracos dos multi-versos; esticador de pensamentos; multiplicador de besteiras**

-Alimentação: **O espirro das formigas**

-Tamanho: **10 km de luz escura**

-Relações ecológicas: **Todas que você quiser**



Superenlace - *Bionalea*
Super-reinada - *Bio*
Reinada - *Multikaryota*
Desfilo - *Archomata*
Inclasse - *Derramida*
Desordem - *Rizomes*
Senfamília - *Entrelaceae*
Desgênero - *Experinchia*
Monstro - *E. fabuleins*

Nicho ecológico: **apanhador de inutilidades**

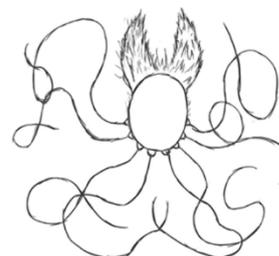
Habitat: **Natureza Monstruosa**

Funções: **Colecionador de orelhas d'água; orifício que escuta os ruídos do silêncio**

Alimentação: **Bolinhas de gudi**

Tamanho: **45 km de luz vermelha**

Relações ecológicas: **Todas que você quiser**



Superenlace - *Bionalea*
Super-reinada - *Bio*
Reinada - *Multikaryota*
Desfilo - *Archomata*
Inclasse - *Derramida*
Desordem - *Rizomes*
Senfamília - *Entrelaceae*
Desgênero - *Experinchia*
Monstro - *E. sonorios*

Nicho ecológico: **Cantor de ruídos**

Habitat: **Natureza Monstruosa**

Funções: **Em-cantar variações nos sons; desboca a língua; despressurizador de acontecimentos.**

Alimentação: **Canto da cigarra**

Tamanho: **8 km de luz prata**

Relações ecológicas: **Todas que você quiser**



Superenlace - *Bionalea*
Super-reinada - *Bio*
Reinada - *Multikaryota*
Desfilo - *Archomata*
Inclasse - *Derramida*
Desordem - *Rizomes*
Senfamília - *Entrelaceae*
Desgênero - *Experinchia*
Monstro - *E. solariens*

Nicho ecológico: **Guardião do amanhecer**

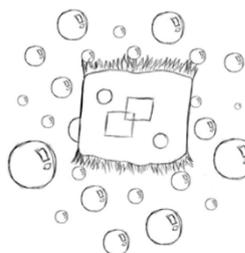
Habitat: **Natureza Monstruosa**

Funções: **Guarda luzes solares; doador das luzes do vagalume**

Alimentação: **Através de fotossíntese**

Tamanho: **4 cm de luz verde**

Relações ecológicas: **Todas que você quiser**



fusão com a bichos se eróticos. ao orpo da exercê-la. E se apêndices dela. adocidos de pedras para musgo. familiarizavam Nenhuma coisa órgãos ou locas. Barros, O águas)



Toque-as, não com a mão,
Cheire-as, mas não com o nariz,
Deguste-as, mas não com a boca,
Escute-as, mas não com os ouvidos,
Pise-as, mas não com os pés.

Perfure as entranhas.

Crie as suas experimentações simbióticas.

Transforme.

Transforme-se.

O biólogo se lava de guano e se vê defronte a uma fissura numa grande rocha de arenito. Não é uma rocha qualquer, ela se desfaz ao simples toque das mãos, logo a curiosidade toma seu corpo e o desejo de explorá-la, não mais como um biólogo explorador, mas um experimentador de desperdícios. Em poucos segundos o dia começou a virar noite, a escuridão consubstanciou seu corpo, mas o desejo era mais

forte e lá produziu um encontro. Lá, ele encontra um bicho, a propósito, milhões deles, que voaram e fizeram o seu pensamento também voar dizendo:

“**Sempre me faltou chão.** Aliás, a vida para mim sempre foi mais aérea do que terrena. Principalmente o pensamento enlaçado às olências do meu próprio guano, que nunca foi só meu, exala morte e vida nas fezes de Andirás ou Guandira. Enxergo e me comunico com as narinas, re-voou com as mãos, durmo de ponta cabeça e construo uma amizade simbiótica, um tanto singela com diversos vegetais. **Sempre me faltou formosura.** Alguns dizem que me escondo na imensidão da escuridão para que não me vejam, por conta da beleza que a mim não presenteou. Tolos! Dentre todos sou o mais belo, o rei da noite. **Sempre me faltou claridade.** A luz nunca foi sinônimo de claridade, prefiro as luzes negras que mergulham a noite e a mim. Alguns dizem que a noite é a ausência de luz. Tolos! Impossível, ela nos brinda com as mais brilhantes luminosidades. Brilho, enquanto todos dormem. Existo, enquanto todos dormem. Sozinho ou não, insisto. Alguns dizem que a noite acaba entre às cinco horas e trinta minutos e seis horas, mais uma vez: tolos! Levo-a comigo aonde voo-u: uma caverna, um quarto abandonado, uma dispensa, um forro... pois sou ela, a luz negra que cintila a noite.”

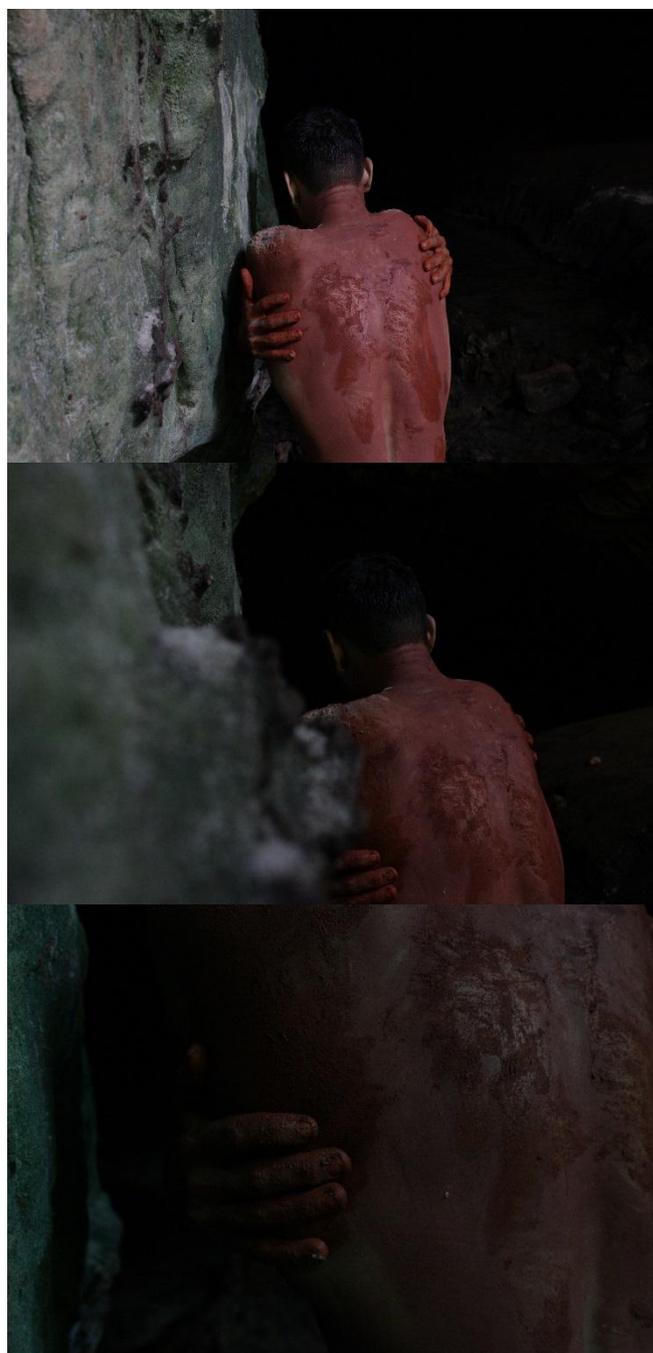
O biólogo, fez devir-morcego...?! Ele devém...



Desnudo... Sem rosto. Esquecido e flutuando sem direção. À deriva. Atravessado por ferros: como Cristo pregado na cruz. Deriva perdido numa poça d'água, até secar. Penetra a terra e também seu corpo até ser outro contigo, torno-me outro. Sua pele, o mais macio tecido que toco na busca de um tostão para barganhar o mais ínfimo desejo, cheiro forte que fica impregnado no corpo misturado ao ar que me falta. Principalmente nos orgasmos vermelho sangue que têm sabor de rebeldia sob a pele suada, rompida. Sua boca, que não se resume num aparelho anatômico, destroça-me. Faz-me ruir e nos escombros estou sendo parte teu. Posso senti-lo quando sobre ti estou, não sou um, muito menos dois. Naquele lugar não coube o que nos transformamos: vibrações? Intensidades? Forças? Tudo isso, e também nada. Um nada que está sendo preenchido por nossas moléculas produzidas ali, no mais profundo da pele, no desejo que de orgânico tinha pouco. Sorri com o teu sorriso, beijei com tua boca, senti com tua pele, a mais profunda superfície, na qual ao me encontrar, perdi-me. Rompo o silêncio. Torno-me grito, barulho e dança. Sementes flutuam pela sombra do teu corpo... Corpo alérgico ao maniqueísmo. **Desnudo.**



Quem sabe, talvez, o biólogo nunca experimentou a natureza, pois desde o início era ele a própria. Ele não estava na natureza, ele era a natureza. Ele diz: “chego ao último parágrafo escrito dessa experimentação e percebo que ainda há muito a ser dito, pensado, conversado e experimentado”. Como um biólogo poderia produzir outras experimentações na natureza, com a arte, biologia e filosofia, com as coisas, com os desperdícios – é uma questão sem interrogação, que motiva ou não formigamentos no pensamento, portanto, sigamos, talvez pensando, conversando, criando, experimentando nas dobras móveis da natureza. Nada quase para dizer, nada para ser modelagem, nem saberes para serem utilizáveis, nem ensino para dizer é assim, nem biologia para propor ou devir proposições, funções... Arte?! Muito mais um processo, um vômito, uma animalidade. Pés que dançam na e com a carne...



EXPERIMENTAÇÕES**ART(E)BIOLOGIA**

O IGARAPÉ ALTA-MIRA, E...





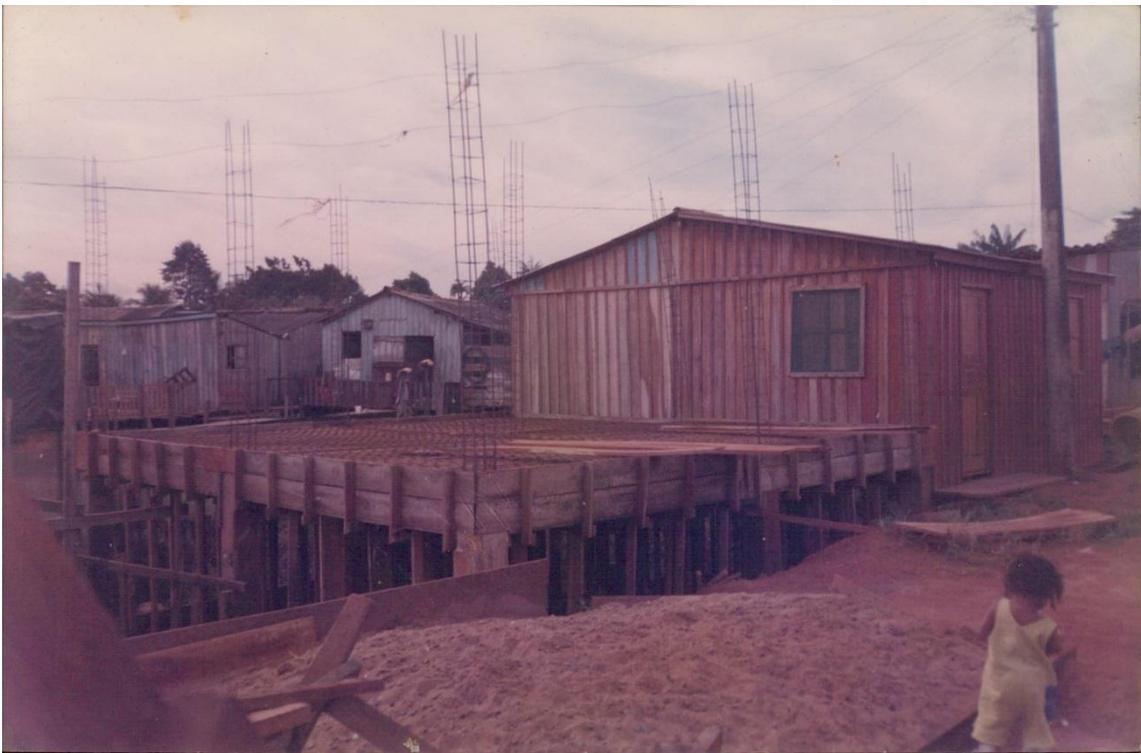
















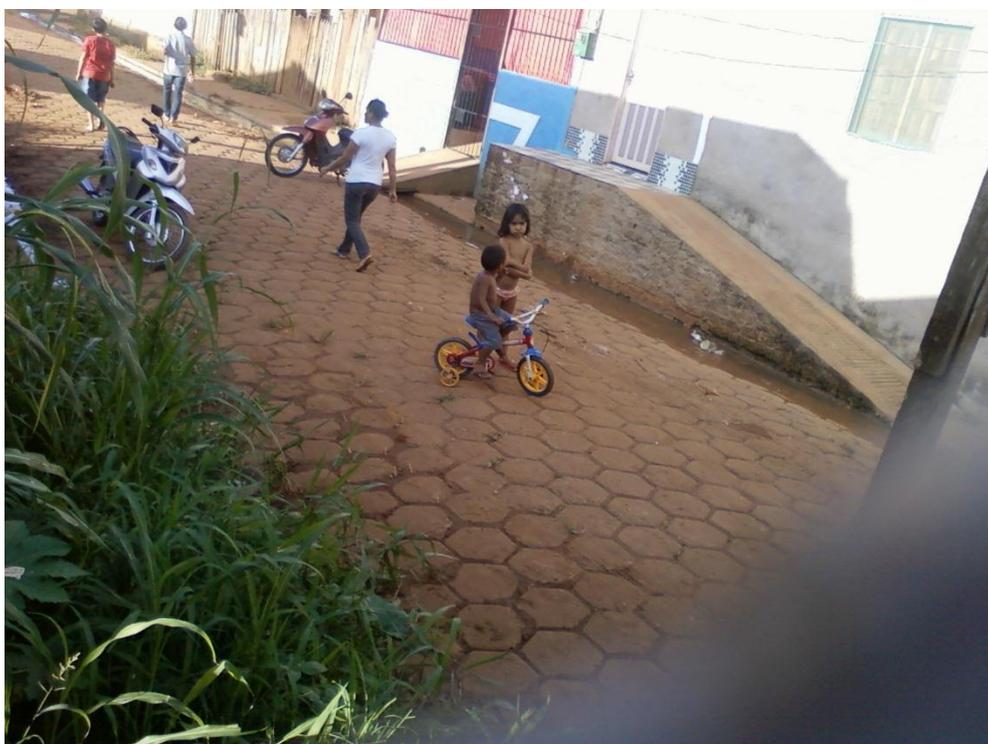












*O igarapé Alta-mira corta a cidade, está no meio dela, faz-se e refaz a cada momento.
E por onde o igarapé passar levará consigo a vida dos moradores...*

O igarapé Alta-mira⁴³



Réquiem para um igarapé da Amazônia⁴⁴

Tenho saudade. Uma saudade que já não cabe dentro de mim, porém não é apenas esta que movimenta as palavras, penso sobre ele, nosso pequeno igarapé Altamira, as veias que nutriam um recorte da Amazônia, do grandioso Xingu.

Sua morada era Altamira, e já diziam, sobre ela e o Xingu, três cartógrafos: “a princesa louçã da transamazônica, banhada pelo majestoso rio Xingu que (re)cuta e adentra a mata formando um excelso relevo e mais parece um labirinto de águas profundas e serenas, alcançando um tom de verde tão verdejante que chega a se misturar com o verde da floresta, em uma harmoniosa composição de aquarelas que para mim mais parece um rio-floresta.”⁴⁵

Recordo-me dos meus antepassados indígenas, os quais passavam horas banhando e brincando nas misteriosas águas esverdeadas do igarapé Altamira, hora sob o sol do verão Amazônico, hora sob a chuva que se misturava com as lembranças. Arrebatamento jubiloso, que jamais era interrompido.

⁴³ Na lâmina denominada: “biólogo e seus encontros”, página 11, há uma explicação sobre a experimentação em questão.

⁴⁴ Todas as frases que estiverem no decorrer do texto destacada em itálico são de moradores que aceitaram conversar e contar um pouco sobre suas histórias, sentimentos, memórias e vivências com o igarapé Altamira e o ambiente (Açaizal e Tufi), as quais criou-se outras narrativas para este trabalho.

⁴⁵ Fragmento textual de Dhemersson Costa, Carlos Silva e Maria de Brito publicado na revista climacom, 2017.

Notícias e mais notícias percorreram: rasgaram a Amazônia. Alguns chamavam de doença, outros de transamazônica. O corte foi profundo e rompeu tudo que estava à frente. Até que avistaram uma alta mira. Descobriram o vale, aquele buraco já habitado por Kuruayas, Jurunas, Xipaias, Araras, e outros esquecidos pela história. Porém vos lembro, sem ao menos saber quem são, no sentido de escrever sobre eles outras histórias. Pois bem, como já é sabido, vieram até as margens do igarapé viajantes, cientistas, catequizadores, todos munidos de tralhas, cada qual tinha a sua.

O tempo passou e com ele veio mais e mais viajantes, ocupando-se das margens do igarapé Altamira. A família do biólogo construiu nele sua morada, crianças ainda brincavam em suas águas. “Abrigo de desabrigados”. Era o que diziam. Mas quando! Contavam que estavam poluindo suas águas, todavia ali ele estava, forte como nunca, talvez modificado. Mas quem não muda? Qual igarapé deixaria de sorrir ao proporcionar maneiras outras de se habitar? Qual igarapé deixaria de rir ao ver uma criança de suas águas nascerem? Eram vidas que se misturavam com suas águas sujas, vívidas, periféricas; rejeitadas como o lixo que adornava suas águas.

Esse igarapé era traquina; íntimo dos moradores. De tempos em tempos ele entrava nas casas que ali estavam. Era uma visita programada, geralmente nos meses de dezembro e abril. Lá ele jazia, tomando café com a tia Preta, almoçando com a vó Delfina, brincando com o primo Pedrinho. Às vezes era necessário deixá-lo mais à vontade dentro de casa, sendo assim, muitos dos moradores saíam de suas casas, levando os pertences que podiam, mas logo retornavam. A amizade acontecia, moradores se empenhavam para ajudar o outro, assim como também eram ajudados.

Muitos perguntavam: “como aguentam?” Busquem um lugar mais “adequado” ou “civilizado” para morar. Palermice! Entre palafitas, pontes de madeira, rejeitos e águas sujas, criavam-se novos modos de existência, naquelas águas nadavam lembranças de toda uma vida, aliás, de vidas.

Depois de ser esquecido por anos, um dia foi lembrado. Tal de Belo-Monstro por ele se interessou. Na verdade a paixão era pelo rio Xingu, mas lá estava o igarapé Altamira, o dedo podre do majestoso e formoso Xingu. Arranque-o! Não presta. E quem mora lá? Arranque-os também e, junto com eles, suas palafitas, pontes de madeira feitas à mão, memórias, afectos, lembranças. Disseram-lhe que tais áreas habitadas de rejeitos seriam revitalizadas e transformadas em um corredor ecológico. A favela daria lugar a

um parque para as famílias civilizadas irem passear, todos juntos: a mamãe, o papai, o filhinho e é claro, o cachorrinho. Áreas nobres que embelezariam a famigerada Altamira.

Ora, revitalizar? Diz ser o “ato de dar a vida” ou “retornar a vida”. Vitupério! A vida ali nadava por cada molécula de H₂O; por cada oxigênio inalado pelo nariz de uma criança, umedecido pelo catarro; na música ecoada pelo som da martelada a fim de segurar uma lasca de madeira; na performance das lavadeiras que enrijeciam sua musculatura ao atritar a roupa das madames nas tábuas; no equilíbrio das crianças que corriam nas estreitas pontes que (se) conectavam às palafitas. Eram artistas, dançarinos, equilibristas... ladrões, prostitutas, pobres, favelados, marginais...

Passada meia década e não temos o corredor ecológico, nem o igarapé Altamira. Alguns dizem que ele não aguentou sobre-viver sem seus familiares. Porém, conto-lhes outra história, o igarapé continua vivo. Caminho sobre ele. Todavia, não sou Jesus Cristo. Caminho sob as casas, lixo, colchões, cuscuzeiras, lembranças, afetos, memórias, sorrisos, peixes... Suas águas continuam aqui misturadas ao barro, concreto e grama... se recombina e se transformou noutra coisa; penetrou o solo, navegou pelos barros roxos subterrâneos altamirenses; evaporou, tomou carona com as nuvens. Tudo isso na busca incessante de reencontrar sua família que foi expulsa. Dizem que ele o encontrou, que está lá, conectado a cada corpo, a cada “favelado”. Como bons biólogos, averiguem?



Um grupo de biólogos e amigos foram atrás dessas pessoas-águas que viveram décadas naquele lugar, amigos do igarapé Altamira. E assim foi o biólogo, não como bom biólogo, mas como aquele que estava cansado de fazer os mesmos testes e a mesmas experimentações. Ansiava por outras biologias... E quem sabe fazer outro tipo de levantamento, não mais das condições sociais ou testes em águas. Os testes eram outros e as experimentações também: foram coletar um bocado de afetos, memórias, lembranças... (seria isso possível?) Metamorfoseando em Cartógrafo, pois como se sabe, todo biólogo é meio louco, meio cartógrafo, meio artista.



Ao conversar com todos aqueles afectos...

Não se via mais pessoas...

Via-se,

O próprio igarapé alta mira em concretude,

O seu Tufi,

Os açáis do Açaizal...

A mulher que me criou.



Saudade é o nome

*Saudade é o nome. Ele sempre levou o nome da cidade que embelezava: Altamira. Mas já sabemos que seu nome não era apenas Altamira... Sobre ele, calcava-se diversos apelidos que as pessoas utilizavam para o ler. Mas só aqueles que estavam lá sabiam como tratá-lo. Palavras que iniciaram este ensaio, mas não deram início a ele, que o encerra, mas não o acaba assim como o igarapé. Palavras que geram vida, aliás, *sempre teve vida lá*. E a vida acontecia nele, nas suas águas, mesmo quando elas não estavam na forma líquida, a vida acontecia; quando águas baixavam, a crianças corriam para o igarapé seco que ficou debaixo das casas e brincavam, fabulavam-se moradias, *pontos dos encontros, tudo acontecia lá... às vezes se brincava de se esconder, ou se fazia casas ali, ou íamos brincar de casais... tinha os primeiros beijos. Se fosse para brigar com alguém da outra rua a “reunião” sempre era debaixo de qualquer casa. Lá poderia ser um lugar não muito legal para se morar, mas todo mundo era bem mais feliz. Foram tempos bons. Todo mundo era bem mais feliz que hoje.**

Essa lembrança atualiza o presente de Altamira massacrada pelo capital e a presença para se fazer uma nova terra.



Mu-danças

O igarapé adorava dançar. Tanto que seu verbo preferido era mu-dançar. E assim ele fez, dançou, mudou...

Por isso todos sentiram a mudança, ainda mais o biólogo que teve que mudar de casa... Por volta do entardecer ele foi na nossa antiga casa, não tinha mais nada... Só tijolos erguidos, sem telhado, sem porta, janela. Naquela hora chorou, vieram tantas lembranças... Do tempo em que não tinha bloquete... Do tempo da infância mesmo, de chegar em casa sujo de lama e levar uns cacetes por sujar a casa...

Ele Chorou, chorou muito com isso... Brincar de bets, queimada, esconde-esconde. Com toda aquela galerinha da rua, tipo uns dez pivetes fazendo bagunça. E depois olhar tudo aquilo e não ver mais nada. Foi bem tenso... Por que já estava chegando as gerações daquelas crianças fazendo o mesmo que ele fez. E cadê elas? Chorou, chorou muito. Nem acesso à ponte ele tinha mais, e hoje em dia a sua casa não

existe mais. É certo que não gostava muito da casa que tinha lá, mas quando ele viu que no lugar da casa não tinha mais nada...

Chorou...

Chorou...

Chorou...

e...



Ranciére (2012) propõe argumentar sobre uma trajetória contemporânea das imagens e, com isso, inventa outros destinos para ela. O autor acredita ser plausível pensar que a imagem tem seu próprio pensamento, sua própria luz... Afeta nossos sentidos: olhar, falar, pensar, fabricando outros infinitos. São Metamorfoses que a imagem provoca, fissurar e fazer transbordar as bordas (Há bordas?). A imagem não para de se reconstruir numa multiplicidade de invenções levando a experiências singulares, que desassossegam e criam novos destinos para elas próprias... move o olhar, novas narrativas para e do cotidiano. Fluidez da imagem.

Toda imagem é um mundo...

Uma possibilidade de desorganizar as formas estabelecidas para...

Biologia...

Arte...

Biólogo...

Artista...

Movimentos de criação.

Morando nas nuvens... Pontes entre os barracos e as vidas

*As casas eram suspensas,
quanto mais alto melhor*



Aquela era a casa do biólogo! Até hoje ele usa o termo “lá em casa”... Pois para ele, a casa ainda existe. Mesmo que seja na memória. Não se pagava ninguém para construir sua casa. Ele se juntava com alguns irmãos e amigos para construir... era o pensamento dele e o dos amigos. Pegava o barraco, construía e ia morar dentro.



Era assim que funcionava



Mesmo sendo visto como o bairro mais perigoso da cidade. Não tinha nada disso, todos respeitavam bastante as pessoas que moravam ali. “Ele é meu vizinho, não vou mexer com ele”. Não era perigoso como se dizia que era antes. Ele saía na porta da casa e sabia quem ele iria encontrar. Nem os neguinhos da Fátima mexiam com a gente. Se acontecesse algo com a gente, eles sempre nos defendiam... As brigas entre os vizinhos eram só coisas de família.

Aonde vão as lembranças que um biólogo viveu/vive, sorriu/sorri, amou/ama, comprou/compra, navegou/navega, semeou/semeia, viu/vê, escutou/escuta, sentiu/sente, gritou/grita, encontrou/encontra, esqueceu/esquece, bebeu/bebe, fumou/fuma, mastigou/mastiga, matou/mata? ... Grudam nas palavras que fazem florescer folhas de vida; imagens que são sementes de poemas. Ele diz: “sento-me na beira de um igarapé qualquer, onde tudo é possível, até mesmo pescar as palavras e as imagens que fazem os sentimentos caírem”.

Bebedor de palavras, mastigador de folhas, engolidor de lama. O igarapé nasce molhando um povo que bebe palavras, mastiga folhas e engole lama. O igarapé nasce do povo; nasce no povo. Multidões.

A vida de um igarapé (quase) morto

Viveiro de Castro relata sobre o encontro dos indígenas que, imbuídos na solidão, adentram a floresta e vivenciam um quase encontro com espíritos. Ora, quase-acontecer é um modo acontecimental, assim, quase morrer desagua num acontecimento. Uma quasidade, um quase somos, quase fomos, quase experimentamos, quase morremos.

O igarapé quase morreu e isso não significa que ele não morreu, mas que experienciou uma parada, não um término. Morte momentânea. Escapou. Fez nascer da morte uma potência criadora. Atravessou a morte e quase morreu, renasceu e transformou cada molécula da existência numa nova vida alagadiça.



Um igarapé numa poça d'água

Formas rasas de existir na profundidade das possibilidades. Uma gota d'água é um mundo experimentado. Quem já se perdeu nela? Quem nos mostra essa possibilidade? João Neto:

*Mas antes de ir ao mar
o rio se detém
em mangues de água parada.*

*Junta-se o rio
a outros rios
numa laguna, em pântanos
onde, fria, a vida ferve.*



Muitas mulheres

Tia Preta, não se diz poetisa, mas nos ensina a re-existir. Cultiva alegrias na sua voz. Carpia a amargura da vida e dava de comer aos pintinhos. Seu ritual é ariar o metal, massacrar o tecido e cuidar dos filhos, que nem sempre são os dela. Perigosa, dir-se-ia, mata e queima o corpo, dá de comida às águas. Tia preta briga por um pedaço de nuvem que não lhe foi concedido, se desfaz lavadeira e se recompõe em ameaças; como as folhas que caem e viram outra coisa. Mão ferida, que diz ferir. Tia preta não é só isso.

Arfa os cabelos crespos e tingidos de cinza. Vê na imagem uma possibilidade de se ver diferente. Liga as lanternas para olhar um tempo que não é contínuo, que não é tempo cronológico, é acontecimental. Vem de outros lugares e, assim, lembra que é um peixe fora do aquário, mas desenha nas paredes de vidro outros horizontes, pois ela não é daqui e nem de lá, é simplesmente do caminhar.



Este ensaio não se encerra aqui, nem a trama proposta a ele. São ideias que queimam e se transformam em cinzas, que dão asas às outras biologias e biólogos. Faz florescer um biólogo que é:

antropófago
 eco cartógrafo igarapé
 rio tufi cachoeira inundaçã
 imagem igarapé dançarino processo dobra
 enchente açái caverna corpo belo monte
 hidrelétrica



Mãos que compuseram

Um biólogo e seus encontros

- CASTRO, E. B. V. Arawete: os deuses canibais. **Antropologia**, 1986.
- DE AMORIM, A. C. R.; GONÇALVES, M. L. C. M. R. Naturezas artificiais e a diferença paradoxal entre ciências e culturas. **Interacções**, v. 10, n. 31, 2015.
- DELEUZE, G. A literatura e a vida. In: **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997.
- _____. **Conversações**. 3ªed. São Paulo: Editora, v. 34, 2013.
- _____. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- _____. **A imagem-tempo**. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Cinema 2).
- _____. O ato de criação. **Folha de São Paulo**, v. 27, p. 4, 1999.
- _____. **Proust e os Signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. Vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 2012.
- _____. **Mil Platôs**. Vol. 3. São Paulo: Ed. 34, 2012.
- _____. **Mil platôs**. vol. 4. São Paulo: Ed, v. 34, p. 47, 2012.
- _____. **Mil Platôs**. Vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 2012
- _____. **O que é a filosofia**. São Paulo: Editora 34, 2013.
- DELEUZE, G.; PARNET, C.. O abecedário de Gilles Deleuze: transcrição integral do vídeo, para fins exclusivamente didáticos. **Éditions Montparnasse: Paris**, 1988.
- _____. **Diálogos** (EA Ribeiro, Trad.). São Paulo: Editora Escuta, 1998.
- DIAS, S.; RODRIGUES, C. Transes. E se artes e ciências? E se ... e ...?. **Leitura: teoria & prática**, Número 59, nov.2012.
- ELIS, R. **Dois pra lá, dois pra cá**. Interprete: Elis Regina. Composição: Aldir Blanc/João Bosco. São Paulo, 1974.
- FOGEL, G. **Conhecer e criar: um ensaio a partir de F. Nietzsche**. São Paulo: Discurso editorial, 2003.
- GROSZ, E. A arte e o animal. In: Susana oliveira Dias; Davina Marques; Antonio Carlos Amorim. (Org.). **Conexões: Deleuze e Arte e Ciência e Acontecimento....** 1ªed. Rio de Janeiro: De Petrus, 2012, v. 1, p. 117-202.
- DELEUZE, G. GUATTARI, F. **Kafka: por una literatura menor**. Imago Editora, 1977.
- KHLÉBNIKOV, V. **Encantamento pelo riso**. 1910.
- LEITE, A. Manipularte. **Revista ExperimentArt**, n. 1, 2017.

LEITES, B. P. L.; BENTZ, I. M. G. A concepção de imagem em Deleuze e Bergson. In: Adriana Barin de Azevedo; Bárbara Lucchesi Ramacciotti; Cíntia Vieira da Silva; Cleber Daniel Lambert da Silva. (Org.). **Deleuze Hoje**. 1ªed. São Paulo: Editor Fap-Unifesp, 2014, v. 1, p. 261-280.

MACHADO, R. **Deleuze, a arte e a filosofia**. 2ªed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MASNY, D. **Cartographies of becoming in education: a Deleuze-Guattari perspective**. *Qualitative Research in Education*, 3(1): 119-122. 2013.

MENDIETA, A. **Catálogo da Exposição no Centro Galego de Arte Contemporânea**. Org. Centro Galego de Arte Contemporânea. Ensaio: Donald Kuspit, Raquelin Mendieta, Charles Merewether, Gloria Moure, Mary Sabbatino. Santiago de Compostela: Ediciones Polígrafa, 1996.

PÁL PELBART, P. **Por uma arte de instaurar modos de existência que “não existem”**. Publicado em:

<https://drive.google.com/file/d/0B6Dh2r0OH3TickxyRHkwTEZuY1U/view>. Acesso

em: 08 de março de 2017.

RANCIÈRE, J. **O destino das imagens**. 2012.

_____. **Política da arte**. São Paulo: Sesc-SP, 2005.

ROLNIK, S. Esquizoanálise e Antropofagia. *Cadernos de Subjetividade*, São Paulo, v. 4, p. 83-94, 1996. SARAMAGO, J. **O conto da ilha desconhecida**. Editora Companhia das Letras, 2016.

SILVA, C. A. S.; BRITO, M. R. Con/Trans/Des figurando os corpos. In: Silvia Nogueira Chaves; Maria dos Remédios de Brito. (Org.). **Formação, Ciência e Arte: Autobiografia, cinema e arte na docência**. 1ªed. São Paulo: Livraria da Física, 2016, v. 1, p. 193-202.

STENGERS, I. **A invenção das ciências modernas**. Ed. 34, 2002.

ZOURABICHVILI, F. **Deleuze: uma filosofia do acontecimento**. 1 ed. São Paulo: editora 34, 2016.

Cartas desprezíveis

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. Vol. 4. São Paulo: Ed. 34, 2012.

Um biólogo que dança

DELEUZE, G. PARNET. C. **Conversações**. 3ªed. São Paulo: Editora, v. 34, 2013.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. Vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 2012.

FRANÇA, L. Ofendículos. In: Leonardo França. (Org.). **A brecha e o muro**. 1ªed. Salvador: Associação conexões criativas, 2014, v. 1, p. 15-18.

KOPENAWA. D E ALBERT B. **A queda do céu: palavras de um yanomami**. São Paulo, companhia das letras, 2015.

LINS, D. Nietzsche/Deleuze: imagem, literatura e educação. **Rio de Janeiro: Forense Universitária**, 2007.

MENDIETA, A. **Catálogo da Exposição no Centro Galego de Arte Contemporânea**. Org. Centro Galego de Arte Contemporânea. Ensaio: Donald Kuspit, Raquelin Mendieta, Charles Merewether, Gloria Moure, Mary Sabbatino. Santiago de Compostela: Ediciones Polígrafa, 1996.

SILVA, C. A. S; BRITO, M. R. Con/Trans/Des figurando os corpos. In: Silvia Nogueira Chaves; Maria dos Remédios de Brito. (Org.). **Formação, Ciência e Arte: Autobiografia, cinema e arte na docência**. 1ªed. São Paulo: Livraria da Física, 2016, v. 1, p. 193-202.

RODRIGUES, I. **Para que o céu não caia**. v. 03, n. 6, 2016.

Imagens

Imagem 01: Produção digital Carlos Augusto Silva e Silva. Página 02.

Imagem 02: Produção Carlos Augusto Silva e Silva; fotografias Dennys Lenon e Carlos Augusto Silva e Silva; edição: Carlos Augusto Silva e Silva; produzida na caverna da Planaltina, três quilômetros da cidade de Brasil Novo-PA, 45 km da cidade de Altamira-PA. Página 03.

Imagem 03: Produção Carlos Augusto Silva e Silva; fotografias Dennys Lenon e Carlos Augusto Silva e Silva; edição: Carlos Augusto Silva e Silva; produzida na caverna da Planaltina, três quilômetros da cidade de Brasil Novo-PA, 45 km da cidade de Altamira-PA. Página 04.

Imagem 04: Produção Carlos Augusto Silva e Silva; fotografias Dennys Lenon e Carlos Augusto Silva e Silva; edição: Carlos Augusto Silva e Silva; produzida na caverna da Planaltina, três quilômetros da cidade de Brasil Novo-PA, 45 km da cidade de Altamira-PA. Página 05.

Imagem 05: Produção Carlos Augusto Silva e Silva; fotografias Dennys Lenon e Carlos Augusto Silva e Silva; edição: Carlos Augusto Silva e Silva; produzida na caverna da Planaltina, três quilômetros da cidade de Brasil Novo-PA, 45 km da cidade de Altamira-PA. Página 05.

Imagem 06: Produção Carlos Augusto Silva e Silva; fotografias Dennys Lenon e Carlos Augusto Silva e Silva; edição: Carlos Augusto Silva e Silva; produzida na caverna da Planaltina, três quilômetros da cidade de Brasil Novo-PA, 45 km da cidade de Altamira-PA. Página 06.

Imagem 07: Produção Carlos Augusto Silva e Silva; fotografias Dennys Lenon e Carlos Augusto Silva e Silva; edição: Carlos Augusto Silva e Silva; produzida na caverna da Planaltina, três quilômetros da cidade de Brasil Novo-PA, 45 km da cidade de Altamira-PA. Página 07.

Imagem 08: Produção Carlos Augusto Silva e Silva; fotografias Dennys Lenon e Carlos Augusto Silva e Silva; edição: Carlos Augusto Silva e Silva; produzida na caverna da Planaltina, três quilômetros da cidade de Brasil Novo-PA, 45 km da cidade de Altamira-PA. Página 08.

Imagem 09: Produção Carlos Augusto Silva e Silva; fotografias Dennys Lenon e Carlos Augusto Silva e Silva; edição: Carlos Augusto Silva e Silva; produzida na caverna da Planaltina, três quilômetros da cidade de Brasil Novo-PA, 45 km da cidade de Altamira-PA. Página 09.

Imagem 10: Produção Carlos Augusto Silva e Silva; fotografias Dhemersson Santos e Carlos Augusto Silva e Silva; edição: Carlos Augusto Silva e Silva; foram produzidas e capturadas no caminho e na caverna/cachoeira do km 30, localizada no Ramal Novo Xingu, a 30 km da cidade de Altamira-PA. Página 10.

Imagem 11: Produção Carlos Augusto Silva e Silva; fotografias Dennys Lenon e Carlos Augusto Silva e Silva; edição: Carlos Augusto Silva e Silva; produzida na caverna da Planaltina, três quilômetros da cidade de Brasil Novo-PA, 45 km da cidade de Altamira-PA. Página 12.

Imagem 12: Produção Carlos Augusto Silva e Silva; fotografias Dennys Lenon e Carlos Augusto Silva e Silva; edição: Carlos Augusto Silva e Silva; produzida na caverna da Planaltina, três quilômetros da cidade de Brasil Novo-PA, 45 km da cidade de Altamira-PA. Página 12.

Imagem 13: Produção Carlos Augusto Silva e Silva; fotografias Dhemersson Santos e Carlos Augusto Silva e Silva; edição: Carlos Augusto Silva e Silva; foram produzidas e capturadas no caminho e na caverna/cachoeira do km 30, localizada no Ramal Novo Xingu, a 30 km da cidade de Altamira-PA. Página 15.

Entre Cavernas, Cachoeiras e *Art(e)biologias*

BARROS, M. **O guardador de águas**. Art Editora, 1989.

BRITO, M. R. Escrita–dever como experimentação: para uma cartografia de si. **Formação e docência: perspectivas da pesquisa narrativa e autobiográfica**. Belém: Cejup, 2011.

DELEUZE, G. O ato de criação. **Folha de São Paulo**, v. 27, p. 4, 1999.

DELEUZE, G. GUATTARI, F. **O que é a filosofia**. São Paulo: Editora 34, 2013.

DELEUZE, G.; PARNET, C. O abecedário de Gilles Deleuze: transcrição integral do vídeo, para fins exclusivamente didáticos. **Éditions Montparnasse: Paris**, 1988.

FOGEL, G. **Conhecer e criar: um ensaio a partir de F. Nietzsche**. São Paulo: Discurso editorial, 2003.

KOPENAWA. D E ALBERT B. **A queda do céu: palavras de um yanomami**. São Paulo, companhia das letras, 2015.

PESSOA, F. O marinheiro. In: **Poemas dramáticos**. 1º. Volume. Lisboa: Ática, 1979, p. 31-63.

SARAMAGO, J. **O conto da ilha desconhecida**. Editora Companhia das Letras, 2016.

Imagens

Imagem 01: Produção Carlos Augusto Silva e Silva; fotografias Dhemersson Santos e Carlos Augusto Silva e Silva; edição: Carlos Augusto Silva e Silva; foram produzidas e capturadas no caminho e na caverna/cachoeira do km 30, localizada no Ramal Novo Xingu, a 30 km da cidade de Altamira-PA. Página 01.

Imagem 02: Produção Carlos Augusto Silva e Silva; fotografias Dennys Lenon e Carlos Augusto Silva e Silva; edição: Carlos Augusto Silva e Silva; produzida na caverna da Planaltina, três quilômetros da cidade de Brasil Novo-PA, 45 km da cidade de Altamira-PA. Página 03.

Imagem 03: Produção Carlos Augusto Silva e Silva; fotografias Dennys Lenon e Carlos Augusto Silva e Silva; edição: Carlos Augusto Silva e Silva; produzida na caverna da Planaltina, três quilômetros da cidade de Brasil Novo-PA, 45 km da cidade de Altamira-PA. Página 04.

Imagem 04: Produção Carlos Augusto Silva e Silva; fotografias Dennys Lenon e Carlos Augusto Silva e Silva; edição: Carlos Augusto Silva e Silva; produzida na caverna da Planaltina, três quilômetros da cidade de Brasil Novo-PA, 45 km da cidade de Altamira-PA. Página 05.

Imagem 05: Produção Carlos Augusto Silva e Silva; fotografias Dhemersson Santos e Carlos Augusto Silva e Silva; edição: Carlos Augusto Silva e Silva; foram produzidas e

capturadas no caminho e na caverna/cachoeira do km 30, localizada no Ramal Novo Xingu, a 30 km da cidade de Altamira-PA. Página 06.

Imagem 06: Produção Carlos Augusto Silva e Silva; fotografias Dhemersson Santos e Carlos Augusto Silva e Silva; edição: Carlos Augusto Silva e Silva; foram produzidas e capturadas no caminho e na caverna/cachoeira do km 30, localizada no Ramal Novo Xingu, a 30 km da cidade de Altamira-PA. Página 07.

Imagem 07: Produção Carlos Augusto Silva e Silva; fotografias Dennys Lenon e Carlos Augusto Silva e Silva; edição: Carlos Augusto Silva e Silva; produzida na caverna da Planaltina, três quilômetros da cidade de Brasil Novo-PA, 45 km da cidade de Altamira-PA. Página 08.

Imagem 08: Produção Carlos Augusto Silva e Silva; fotografias Dennys Lenon e Carlos Augusto Silva e Silva; edição: Carlos Augusto Silva e Silva; produzida na caverna da Planaltina, três quilômetros da cidade de Brasil Novo-PA, 45 km da cidade de Altamira-PA. Página 09.

Imagem 09: Produção Carlos Augusto Silva e Silva; fotografias Dhemersson Santos e Carlos Augusto Silva e Silva; edição: Carlos Augusto Silva e Silva; foram produzidas e capturadas no caminho e na caverna/cachoeira do km 30, localizada no Ramal Novo Xingu, a 30 km da cidade de Altamira-PA. Página 10.

Imagem 10: Produção Carlos Augusto Silva e Silva; fotografias Dennys Lenon e Carlos Augusto Silva e Silva; edição: Carlos Augusto Silva e Silva; produzida na caverna da Planaltina, três quilômetros da cidade de Brasil Novo-PA, 45 km da cidade de Altamira-PA. Página 11.

Imagem 11: Produção digital Carlos Augusto Silva e Silva e Cleyton Birro. Página 13.

Imagem 12: Produção Carlos Augusto Silva e Silva; fotografias Dennys Lenon e Carlos Augusto Silva e Silva; edição: Carlos Augusto Silva e Silva; produzida na caverna da Planaltina, três quilômetros da cidade de Brasil Novo-PA, 45 km da cidade de Altamira-PA. Página 14.

Imagem 13: Produção Carlos Augusto Silva e Silva; fotografias Dennys Lenon e Carlos Augusto Silva e Silva; edição: Carlos Augusto Silva e Silva; produzida na caverna da Planaltina, três quilômetros da cidade de Brasil Novo-PA, 45 km da cidade de Altamira-PA. Página 15.

Imagem 14: Produção Carlos Augusto Silva e Silva; fotografias Dennys Lenon e Carlos Augusto Silva e Silva; edição: Carlos Augusto Silva e Silva; produzida na

caverna da Planaltina, três quilômetros da cidade de Brasil Novo-PA, 45 km da cidade de Altamira-PA. Página 16.

Imagem 15: Produção Carlos Augusto Silva e Silva; fotografias Dennys Lenon e Carlos Augusto Silva e Silva; edição: Carlos Augusto Silva e Silva; produzida na caverna da Planaltina, três quilômetros da cidade de Brasil Novo-PA, 45 km da cidade de Altamira-PA. Página 17.

Imagem 15: Produção Carlos Augusto Silva e Silva; fotografias Dennys Lenon e Carlos Augusto Silva e Silva; edição: Carlos Augusto Silva e Silva; produzida na caverna da Planaltina, três quilômetros da cidade de Brasil Novo-PA, 45 km da cidade de Altamira-PA. Página 18.

O igarapé Alta-mira

CASTRO, V. A morte como quase acontecimento. **Youtube**, 18 jul. 20173. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nz5ShgzmuW4&t=2277s>>. Acesso em: 17 dez 2017.

MELO NETO, João Cabral de. O Cão sem Plumas. In: MELO NETO, João Cabral de. **Poesias Completas** (1940-1965). 3. ed. São Paulo: José Olympio: 1979.

RANCIÈRE, J. **O destino das imagens**. 2012.

COSTA, D. W. S; SILVA, C. A. S. BRITO, M. R. Requiém para ilha do Arapujá. **Climacom**: Campinas. N 08, 2017.

Imagens

Imagem 01: Produção Carlos Augusto Silva e Silva; fotografia Dennys Lenon e Carlos Augusto Silva e Silva; edição: Carlos Augusto Silva e Silva; produzida e capturada no parque igarapé Altamira na cidade de Altamira-PA. Página 01.

Imagem 02: Produção Carlos Augusto Silva e Silva; fotografias Dennys Lenon e Carlos Augusto Silva e Silva; edição: Tereza Pereira e Carlos Augusto Silva e Silva; produzida e capturada no parque igarapé Altamira na cidade de Altamira-PA. Página 04.

Imagem 03: Produção Carlos Augusto Silva e Silva; fotografias Dennys Lenon e Carlos Augusto Silva e Silva; edição: Dennys Lenon e Carlos Augusto Silva e Silva; produzida e capturada no parque igarapé Altamira na cidade de Altamira-PA. Página 05.

Imagem 04: Produção Carlos Augusto Silva e Silva; fotografias Dennys Lenon e Carlos Augusto Silva e Silva; edição: Tereza Pereira e Carlos Augusto Silva e Silva; produzida e capturada no parque igarapé Altamira na cidade de Altamira-PA. Página 06.

Imagem 05: Produção Carlos Augusto Silva e Silva; fotografias Dennys Lenon e Carlos Augusto Silva e Silva; edição Carlos Augusto Silva e Silva; produzida e capturada no parque igarapé Altamira na cidade de Altamira-PA. Página 07.

Imagem 06: Produção Carlos Augusto Silva e Silva; fotografias Dennys Lenon e Carlos Augusto Silva e Silva; edição Carlos Augusto Silva e Silva; produzida e capturada no parque igarapé Altamira na cidade de Altamira-PA. Página 08.

Imagem 07: Produção Carlos Augusto Silva e Silva; fotografias Dennys Lenon e Carlos Augusto Silva e Silva; edição Carlos Augusto Silva e Silva; produzida na caverna da Planaltina, três quilômetros da cidade de Brasil Novo-PA, 45 km da cidade de Altamira-PA. Página 09.

Imagem 08: Produção Carlos Augusto Silva e Silva; fotografias Dennys Lenon e Carlos Augusto Silva e Silva; edição Carlos Augusto Silva e Silva; produzida e capturada no parque igarapé Altamira na cidade de Altamira-PA. Página 09.

Imagem 09: Produção Carlos Augusto Silva e Silva; fotografias Dennys Lenon e Carlos Augusto Silva e Silva; edição Carlos Augusto Silva e Silva; produzida e capturada no parque igarapé Altamira na cidade de Altamira-PA. Página 09.

Imagem 10: Produção Carlos Augusto Silva e Silva; fotografias Dennys Lenon e Carlos Augusto Silva e Silva; edição Carlos Augusto Silva e Silva; produzida e capturada no parque igarapé Altamira na cidade de Altamira-PA. Página 10.

Imagem 11: Produção Carlos Augusto Silva e Silva; fotografias Dennys Lenon e Carlos Augusto Silva e Silva; edição Carlos Augusto Silva e Silva; produzida e capturada no parque igarapé Altamira na cidade de Altamira-PA. Página 11.

Imagem 12: Produção Carlos Augusto Silva e Silva; fotografia Carlos Augusto Silva e Silva; edição Carlos Augusto Silva e Silva; produzida e capturada no parque igarapé Altamira na cidade de Altamira-PA. Página 12.

Imagem 13: Produção Carlos Augusto Silva e Silva; fotografias Dennys Lenon e Carlos Augusto Silva e Silva; edição: Tereza Pereira e Carlos Augusto Silva e Silva; produzida e capturada no parque igarapé Altamira na cidade de Altamira-PA. Página 14.